



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – VRPPG
Centro de Ciências da Saúde – CCS
Mestrado em Psicologia – PPG PSI

KAROLINE SAMPAIO NUNES BARROSO

**PROBLEMATIZANDO ARTICULAÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E
ENVELHECIMENTO: Um estudo com mulheres frequentadoras de bailes na
cidade de Fortaleza**

**DISCUSSING JOINTS BETWEEN GENDER , SEXUALITY AND AGING :
A study of women frequenters balls in Fortaleza**

ORIENTADOR: PROF. DR. FERNANDO ALTAIR POCAHY

FORTALEZA

2015

KAROLINE SAMPAIO NUNES BARROSO

**PROBLEMATIZANDO ARTICULAÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E
ENVELHECIMENTO: Um estudo com mulheres frequentadoras de bailes na
cidade de Fortaleza**

**DISCUSSING JOINTS BETWEEN GENDER , SEXUALITY AND AGING :
A study of women frequenters balls in Fortaleza**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Produção e Expressão Sociocultural da Subjetividade

Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Corpo, Gênero e Sexualidade nos Processos de Subjetivação/ *Multiversos*

Orientação do Professor Dr.:
Fernando Altair Pocahy

FORTALEZA

2015

B277p Barroso, Karoline Sampaio Nunes.
Problematizando articulações entre gênero, sexualidade e envelhecimento: um estudo com mulheres frequentadoras de bailes na cidade de Fortaleza = Discussing joints between gender, sexuality and aging: a study of women frequenters balls in Fortaleza / Karoline Sampaio Nunes Barroso. - 2015.

86 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2015.
“Orientação: Prof. Dr. Fernando Altair Pocahy.”


1. Envelhecimento - Aspectos psicológicos. 2. Sexualidade. 3. Mulheres.
I. Pocahy, Fernando Altair. II. Título.

CDU 159.922.63



Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Produção e Expressão Sociocultural da Subjetividade

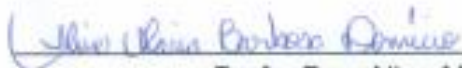
Dissertação intitulada *"Problematizando articulações entre gênero, sexualidade e envelhecimento: um estudo com mulheres frequentadoras de bailes na cidade de Fortaleza"*, de autoria da mestranda **Karoline Sampaio Nunes Barroso**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Dr. Fernando Altair Pocahy – (UNIFOR/UERJ) – Orientador



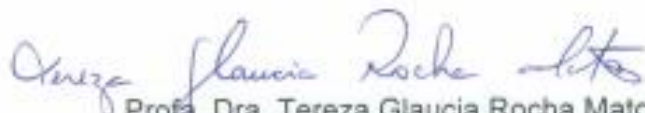
Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins - (UNIFOR)



Profa. Dra. Aline Maria Barbosa Domicio - (UNIFOR)

Fortaleza, 30 de março de 2015.

Visto:



Profa. Dra. Tereza Gláucia Rocha Matos
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
UNIFOR

O “direito” à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades, o “direito”, acima de todas as opressões ou “alienações”, de encontrar o que se é e tudo o que se pode ser.

(Foucault, 1988)

AGRADECIMENTOS

“Quando tudo diz que não; Sua voz me encoraja a prosseguir”.

Agradeço a Deus pela paz e saúde, por ter me abençoado e me dado forças para eu não desistir, apesar de todas as dificuldades no caminho.

“Família ê; Família á; Família”

Aos meus pais e à minha irmã Karine, a Tinha, pela compreensão, incentivo e apoio na conclusão dessa etapa tão importante na minha vida.

“É, só se faz um país com professor; Um romance, um croquis, com professor”

Agradeço ao professor e Doutor Fernando Altair Pochay, que acreditou que seria possível e nunca desistiu de mim. Obrigada pela paciência e por tudo o que representa.

A todos os professores do Mestrado que colaboraram na minha formação e à Coordenadora do curso, Tereza, por todo o carinho, atenção, pelas palavras de apoio e incentivo para a conclusão desse passo tão importante na minha vida.

À Universidade de Fortaleza e todos os seus funcionários, minha admiração pela organização, excelência no ensino e dedicação ao aluno.

“Eu quero ter um milhão de amigos; E bem mais forte poder cantar”

Ao laboratório Multiversos, que tive orgulho de fazer parte. Sempre vou lembrar com muito carinho e saudade de todas as sextas à tarde, as ricas discussões, debates, cinemas, cursos, congressos, palestras, enfim, meu Muito Obrigada por toda amizade e apoio. Nunca vou esquecer do meu crescimento profissional e, principalmente, pessoal, que os MultiLindos proporcionaram. Obrigada, Fernando, por ter regido com tanta maestria essa orquestra.

“Rainha do Baile; Que dança e balança”

Gostaria de agradecer também a todas as mulheres incríveis que participaram da pesquisa e me permitiram conhecê-las um pouco mais e contribuíram com tamanha generosidade para a realização desta pesquisa.

“Nunca vão te deixar na mão; Um amigo é como um irmão”

Agradeço a todos os meus amigos, primos e colegas de trabalho do Hospital da Mulher e da Unichristus que me incentivaram, apoiaram-me e caminharam junto comigo.

RESUMO

Barroso, K. S. N. (2015). PROBLEMATIZANDO ARTICULAÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO: Um estudo com mulheres frequentadoras de bailes na cidade de Fortaleza. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza.

Este trabalho analisa elementos da produção discursiva sobre envelhecimento e analisa implicações de gênero e sexualidade a partir de representações sociais da velhice utilizando o espaço dos bailes de dança. A justificativa desta pesquisa encontra respaldo nas difusas representações e práticas sociais que tutelam os sujeitos idosos, marcando-os como sujeitos incapazes, assexuados, frágeis e decadentes. Outros elementos importantes nesta contextualização referem-se ao crescente aumento da expectativa de vida da população brasileira, juntamente com o avanço da medicina estética, à maior acessibilidade aos cuidados em saúde e às tecnologias voltadas ao desempenho sexual. Esses avanços têm ensejado que as pessoas mantenham boas condições físicas e cognitivas por maior tempo. Portanto, esta pesquisa tem o objetivo de compreender os discursos sobre envelhecimento, através da intersecção com gênero e sexualidade a partir das representações sociais da velhice entre frequentadoras dos bailes. Consiste em um estudo teórico e metodologicamente orientado a partir dos Estudos Culturais, Estudos de Gênero e Estudos Feministas. Os resultados apresentados foram produzidos a partir de aproximações com as abordagens etnográficas e interlocuções com mulheres idosas participantes dos bailes dançantes na modalidade “por contrato” ou “ficha” (que pagam pelos serviços de homens dançarinos). Os espaços acionados na pesquisa foram clubes tradicionais na cidade de Fortaleza – CE – que promovem semanalmente as modalidades de bailes supracitados. Os dados da pesquisa foram tratados a partir da Análise de Discurso – inspirada nas teorizações foucaultianas. As mulheres idosas ocupam estes espaços de sociabilidades dançantes com liberdade e autonomia, sem medo, sem olhares regulatórios da sociedade, locais com possibilidade de vivenciar o prazer e a felicidade e que proporcionará oportunidades de desfrutar novas emoções. Os resultados produzidos possibilitaram produção de categorias que apresentam evidências da articulação do processo de envelhecimento entre gênero e sexualidade como elementos importantes na construção da velhice e na produção dos modos de vida e experiências sociais e culturais das mulheres idosas.

Palavra-chave: Envelhecimento; Gênero; Sexualidade; Mulheres.

ABSTRACT

Barroso, K. S. N. (2015). Discussing JOINTS BETWEEN GENDER, SEXUALITY AND AGING: A study of women frequenters balls in Fortaleza. Thesis, Graduate Program in Psychology, University of Fortaleza, Fortaleza.

This paper examines elements of discursive production on aging and analyzes implications of gender and sexuality from social representations of old age using the space of dance dances. The justification of this research is supported in diffuse social representations and practices that protect the elderly subjects, marking them as subjects unable, asexual, weak and decadent. Another important element in this context refers to the increasing life expectancy of the population, along with advancement of aesthetic medicine, greater accessibility to health care services and technologies related to sexual performance. These advances have occasioned people to maintain good physical and cognitive conditions for longer. Therefore, this research aims to analyze the discourses on aging, gender and sexuality from the social representations of aging and its effects on sexuality trial in older women. It consists of a theoretical and methodological walked from the Cultural Studies, Gender Studies and Feminist Studies. The results were produced from approaches to the ethnographic and dialogues approaches with participants older women dancing balls in the form of "contract" or "record" (they pay for men dancers services). Spaces driven research are traditional clubs in the city of Fortaleza - CE - that weekly promote the modalities of the above dances. The survey data were treated from the Discourse Analysis - inspired by Foucault's theories. Older women occupy these spaces of sociability dancing with freedom and autonomy, without fear, without regulatory looks of society, a place with an opportunity of experiencing pleasure, happiness, opportunity to enjoy new emotions. The results produced enabled production categories with evidence of linkage of the aging process between gender and sexuality, as important elements in the construction of old age and production of ways of life and social and cultural experiences of older women.

Keyword: Aging; Gender; Sexuality; Women's.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 Implicações e inquietudes sobre a velhice	11
1.2 A mulher idosa na dança dos discursos sobre gênero, corpo e sexualidade	16
1.3 Espaços de sociabilidade dançantes	26
1.4 Bailes de dança na cidade de Fortaleza	28
2. OBJETIVOS	31
2.1 Objetivo geral	31
2.2 Objetivo específico	31
3. CAMINHOS INVESTIGATIVOS	32
3.1 Pressupostos teórico-metodológico	33
3.2 Pesquisa de campo	34
3.3 Interlocutoras	36
3.4 Produção dos dados e a construção das entradas de problematização	36
3.5 Lócus da Pesquisa.....	37
3.6 Composição dos Dados	38
3.7 Aspectos éticos	39
4. Resultados e discussões	40
4.1 Das aproximações com o campo: a pesquisadora entrando no salão	40
4.2 Quem és tu? Rainha do baile	48
4.3 A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer	52
4.4 Que diferença da mulher o homem tem?	57
4.5 Nos bailes da vida	62
4.6 Baila comigo.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE A: Guia de entrevista	82
APÊNDICE B: Termo de consentimento livre e esclarecido	83
APÊNDICE C: Carta de aceite do comitê de ética em Pesquisa.....	86

1. Introdução

Envelhecer é um processo inevitável, significa chegar à velhice, ou se tornar velho, uma passagem da vida adulta para a velhice. As ciências biológicas definem o envelhecimento como um conjunto de fenômenos que caracterizam o enfraquecimento da vitalidade. Elas estabelecem o início, com o nascimento, e o final, com a velhice e a morte. Assim, certas partes do corpo envelhecem constantemente, ocorrendo o envelhecimento da pele, aparecimento das rugas, queda ou branqueamento dos cabelos, alterações das funções orgânicas que se processam no organismo, além das mudanças psíquicas e sociais, devido às dificuldades de aceitação das mudanças na autoimagem e na adaptação à cada nova situação do cotidiano.

Além do critério biológico, há definição pelo critério cronológico, em que, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), o ser idoso difere para países desenvolvidos e países em desenvolvimento. Nos primeiros, são considerados idosos as pessoas com 65 anos e mais; nos segundos, aqueles com 60 anos e mais. Essa distinção de definição é em virtude da expectativa de vida ao nascer e da qualidade de vida que as nações propiciam aos seus cidadãos. A definição mais correta seria a complementaridade entre os dois critérios, o biológico e o cronológico. O biológico estaria mais próximo às competências da gerontologia e da geriatria, e o cronológico seria mais adequado para as políticas públicas. (Barros, 2009; Neri, 2008; Santin, 2010).

Dentre os termos comumente utilizados para identificar o indivíduo da pesquisa, encontram-se velho, idoso, terceira idade, melhor idade e pessoa de idade avançada. Utilizaremos, preferencialmente, velho e idoso, pois esses termos nos remetem às representações correntes que articulam sentido de passagem do tempo e aos enunciados (mesmo que possam nos parecer politicamente incorretos ou conceitualmente um ou outro traga problemas em suas definições) que movimentam as vidas, as sociabilidades, os cotidianos e se apresentam nas falas de nossas interlocutoras. Essas são expressões marcadas (nos termos de marcas de poder), mas que assumem insubordinações e novas possibilidades na vida cotidiana - com

as trampolinagens, as resistências, as ousadias e as reapropriações e reinvenções dos sentidos que esta interpelação geracional produz nas vidas, nos corpos, nos desejos... nos prazeres, enfim, nas micropolíticas do cotidiano.

A população de idosos em todo mundo vem aumentando consideravelmente e, no Brasil, não é diferente. O aumento da expectativa de vida no país dobrou em décadas e o número de idosos atinge um patamar nunca visto antes no país (Veras, 1997).

Com a mudança no perfil demográfico mundial e no Brasil, cresce o interesse e a produção de estudos que abordam o envelhecimento populacional, principalmente na área social. Contudo, muitas pesquisas focam o idoso como problema, sinônimo de solidão e de falta de dinheiro, limitando investigar a velhice como um período em que ocorre uma diminuição das áreas de relacionamento social, perdas físicas, econômicas e sociais.

Essa fase da vida, no entanto, pode ser vivida com mais saúde, aceitação e sabedoria. Laços afetivos com familiares e amigos devem ser reforçados, devem-se assegurar espaços para socialização, diversão e reflexão e procurar conhecimento e cultura, em busca de uma melhor compreensão e aceitação do processo de envelhecimento. Enquanto objeto construído e produzido historicamente pela sociedade, a velhice tem implicações políticas, econômicas e sociais que dizem respeito, inclusive, à necessidade de dar visibilidade a uma política de gestão e controle dessa população em franco crescimento.

Nesta pesquisa, busco apresentar uma reflexão e uma aproximação sobre envelhecimento e sexualidade, a partir da experiência de mulheres que, diariamente, frequentam os bailes dançantes, locais onde idosas realizam contratos com jovens para acompanhá-las, caracterizando o Baile por contrato ou Baile de ficha.

Esses espaços, ditos como espaços de sociabilidade, são locais de práticas sociais, de comunicação e de produção de experimentações compartilhadas entre os/as participantes. A dança é uma forma expressiva que, através dos movimentos guiados pela música, pode despertar várias emoções, desejos e sensações positivas.

Diante deste discurso, surgem algumas problematizações possíveis acerca da articulação entre gênero, sexualidade e envelhecimento, que podem ser estabelecidas nos bailes de sociabilidade com base nos estudos culturais e de gênero pós-estruturalistas. Para isso, aproximo-me dos estudos dos seguintes autores: Guacira Louro, Guita Debert e Michael Foucault.

Em Fortaleza, é possível encontrar um grande número de espaços onde ocorrem os bailes de dança, com objetivo de promover sociabilidade, cultura e relações sociais. Com base nos estudo de revisão, o baile de dança pode promover um exercício de sedução pelas mulheres. Elas seduzem quando são capazes de transformar a aparência do próprio corpo para si e para os outros, tornando-o instrumento de exibição da capacidade individual de dominar o processo do envelhecimento, através da recriação no corpo velho em um conjunto, que pode ser admirado, exaltado e valorizado.

A exibição do corpo em uma pista de dança é uma possibilidade de conferir-lhes visibilidade e permanência na sociedade enquanto mulher. Trata-se da afirmação de uma condição feminina diferente da permitida em outras situações, como a posição da mulher dentro da família e do lar.

As mulheres idosas encontram-se motivadas pela possibilidade de exercitar o domínio e sedução de seus corpos através da interação com os dançarinos, mais jovens, contratados e pagos para acompanhá-las nos bailes (Alves, 2004).

O interesse deste estudo é compreender os modos de envelhecer na articulação entre gênero e sexualidade, analisar a ocupação das mulheres idosas nos espaços de sociabilidades e articular a relação entre gênero e sexualidade nas parcerias estabelecidas com foco nos modos de experimentação sociocultural da velhice. Para isto, é necessário desenvolver pontos importantes para nortear esta pesquisa, como contextualizar o processo de envelhecer na nossa sociedade, através de uma discursão sobre o envelhecimento a partir das representações sociais da velhice; produção discursiva sobre a experimentação da sexualidade na mulher idosa e abordagem sobre os espaços de sociabilidade dançante, os bailes de contrato e de ficha, onde mulheres idosas realizam contratos com homens mais jovens para dançar e como são estabelecidas estas parcerias.

Estudar sobre o envelhecimento traz a ideia de multiplicidade na perspectiva de interagir com outras áreas do conhecimento, construindo, assim, a multidisciplinaridade. Atuo na área da fisioterapia gerontológica há seis anos e convivo com pessoas em processo de envelhecimento, desde pacientes com patologias decorrentes do desgaste físico, miosteoarticular em busca da melhora da dor e melhora da funcionalidade até idosos(as) hígidos em busca de qualidade de vida. A fisioterapia não se resume somente ao tratamento físico do paciente, é imprescindível a abordagem emocional e social neste grupo. Fatores relacionados ao corpo e à subjetividade não podem ser pensados separadamente. Pensar e observar os(as) idosos(as) a partir dos conceitos e pressupostos escolhidos para produzir este estudo acarretou na desconstrução de alguns conceitos anteriormente absorvidos da minha experiência com a saúde, o corpo e o envelhecimento.

Meu interesse pelo tema surgiu através da proximidade com a velhice não-asilada e não-doente, ou seja, com idosos com envelhecimento bem sucedido, com quem nos deparamos no dia a dia. Busco, nesta pesquisa, estudar a velhice e suas relações sociais, experiências de vida e possibilidades.

Problematizações sobre a temática são de extrema importância para a construção da velhice e de como envelhecer saudável, buscando compreender, de forma mais ampla, as formas de pensar e construir experiências e representações que se articulam à produção social e cultural dessa fase da vida.

1.1 Implicações e inquietudes sobre a velhice

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial e se caracteriza como uma grande conquista do século, e as projeções demográficas revelam um aumento da população idosa em todo o mundo.

Segundo a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE em 2012, a população de 60 anos (e acima) somam 23,5 milhões dos(as)

brasileiros(as), mais que o dobro do registrado em 1991, e a expectativa dos dados deve passar para 58,4 milhões em 2060 (IBGE, 2013).

Peixoto (2004) enfatiza que se deve tratar o envelhecimento como um processo cultural e social, possibilitando a análise das mudanças nas formas de pensar e vivenciar a experiência cotidiana dos(as) idosos(as).

Interpretar a velhice como um produto da relação entre gerações evidencia um ponto importante do envelhecimento contemporâneo, a fragmentação da experiência da velhice. Novas possibilidades vão surgindo para criação e modificação do corpo e das experimentações dos idosos(as). Porém, Alves (2006) afirma que essas mudanças só têm sentido se houver a compreensão do envelhecimento como um conjunto de relações sociais entre gerações, em que o gênero, a classe social e a posição na família têm um papel central e essencial na elaboração dos significados. Segundo Pocahy (2011):

A idade pode ser pensada como uma categoria política, histórica e contingente como são gênero, classe social, sexualidade ou raça e etnia e de que estes se constituem enquanto sistemas discursivos complexos e, na maioria das vezes, interdependentes em suas ramificações, senão que consubstanciais.

Para a compreensão das variações dos processos do envelhecimento em cada cultura e em cada discurso – biológico, médico, psicológico – e como elas ocupam lugar na sociedade, precisamos definir representações sociais:

As representações sociais são produzidas pelas interações e comunicações no interior dos grupos sociais, refletindo a situação dos indivíduos no que diz respeito aos assuntos que são objeto do seu cotidiano (Debert, 2012).

Barros (2009) expõe como função das representações sociais tornar aquilo que não é familiar em algo próximo, obter modos compartilhados de pensar e viver

em relação a esses processos frente aos grupos sociais. Porém, essas experiências passam por várias modificações e transformações ao longo do tempo.

Afinal, quais as marcas, características, o que devemos aparentar, falar, ser e ter para assumirmos uma posição de sujeito possível e reconhecido como normal e participante da sociedade.

Segundo Geertz (2008) sociedade é um conjunto de pessoas que instituem crenças, valores, tradições, religiões, pontos de vista, entre outros. Constituem-se da cultura que norteiam os indivíduos na maneira de pensar, agir, julgar, apreciar e consumir. O indivíduo é um ser amarrado aos significados que formam o discurso social.

Discursos que se perpetuam e influenciam o comportamento dos indivíduos na sociedade, ditando ao ser qual o papel que ele precisa desempenhar na sociedade (Prado *et al*, 2011).

A sociedade moderna tem como marca a definição das populações, a produção de fronteiras e padronizações de todas as fases da vida, tais quais infância, adolescência, vida adulta e velhice como ordenação social da existência. Cada uma dessas etapas contém expectativas e interpelação ao desempenho de performances sociais, ditas apropriadas e esperadas aos indivíduos nela inseridas, ocorrendo uma divisão da população em categorias de idade e padronização dos comportamentos (Debert, 2012).

Na velhice, não é diferente, ocorre a homogeneização das idades avançadas e a naturalização dos acontecimentos, como se houvesse uma condição própria para esta fase, ocorrendo a imposição do modo de ser e viver dos(as) idosos(as). Ou seja, atributos observados em um número reduzido de indivíduos se tornam referência, gerando, assim, os estereótipos.

Os estereótipos fazem que ignoremos ou minimizemos as diferenças individuais, caracterizando o(a) velho(a) como implicante, antiquado, solitário, dependente, entre outras características que inferiorizam e hierarquizam esta população (Neri, 2006).

A velhice deve ser vista compondo o ciclo de vida, mas diferentemente das etapas que a antecedem. Fase cada vez mais duradoura, porém cheia de tabus, preconceitos, dependente das injunções da cultura sobre a velhice e das determinações biológicas que constroem os idosos, mas também repleta de oportunidades e possibilidades (Camaro, 2006).

Esta fase constitui uma categoria de análise e, se tratarmos essa população como uma massa uniforme, homogênea, perdemos a riqueza das possibilidades das suas significações e experimentações. As diferenças de cada categoria se dão em função da existência de outras que se articulam de forma hierárquica. O maior diferencial se encontra na subjetividade e singularidade, como cada sujeito se movimenta diante das interpelações socioculturais do seu tempo, em cada momento do ciclo da vida. Cada pessoa retoma permanentemente os dados de sua história e os reconstrói com o presente (Vilela & Oliveira, 2012).

A velhice é perpassada por inúmeras representações sociais, porém é importante salientar que nem todos(as) vivenciam esta experiência da mesma forma. Pessoas da mesma idade podem ter competências físicas, cognitivas e sociais diversas e, desse modo, cada pessoa vive a experiência da velhice de formas diferentes.

Com a definição de idoso, segundo o critério cronológico ocorre à afirmação de que indivíduos de diferentes lugares e diferentes épocas são iguais e homogêneos. Com isso, a sociedade cria expectativas em relação aos papéis sociais daqueles denominados idosos, independente das características pessoais dos indivíduos (Laslett, 1996; Camaro, 2006).

Segundo Neri (2006), o critério cronológico não é o mais adequado e nem suficiente para determinar o início da velhice, pois ninguém envelhece de repente e nem da mesma forma. E os perfis socioculturais da velhice são assim diferenciados conforme gênero, etnia, classe social e época histórica em que os indivíduos se desenvolvem e envelhecem.

Diversas representações e práticas sociais produzem uma imagem de desgaste no corpo, vincos na face, voz cadenciada, andar vagaroso, com

oscilações, queda dos músculos, presença de rugas, fragilidade dos movimentos, uma imagem feia em relação aos padrões de beleza dos jovens impostos pela sociedade. Tornando o idoso feio ou invisível na sociedade (Minayo & Coimbra, 2002).

Essas representações ampliam uma visão negativa do envelhecimento, marcando os(as) idosos(as) como sujeitos improdutivos, incapazes, assexuados(as), frágeis e decadentes, com imagem de problema, inutilidade ou doença para a sociedade, limitando e excluindo esta parcela da população, ninguém quer/ou deve parecer envelhecido, sob pena de ser excluído do mercado de trabalho, da vida sexual, das sociabilidades e do mercado de consumo.

Beauvoir (1990), citada por Mercadante (2005), explica que as pessoas podem se sentir jovens ou adultos com uma única idade, mas em um determinado momento se veem, a partir dos outros, fora da categoria de jovem ou de adulto, assim se caracterizando velho. Então, a representação social da velhice para o idoso é construída a partir do outro e nesse outro é reconhecida.

Pressupostos acadêmicos e científicos normativos tiveram um grande peso na formação dos preconceitos e estereótipos em relação à velhice. Tendência comum da sociedade de valorizar a infância e a juventude, ganhando mais destaque e atenção no ponto de vista social e objeto de estudo, relegando assim o tema velhice a segundo plano (Barros, 2009). Algumas vezes, o modelo biomédico caracterizou/a a velhice como doença, e o campo sociológico focalizou/a a velhice como um problema, por exemplo, ocasionando um afastamento entre os idosos e a sociedade (Neri, 2006). Grande parte dos estudos ligados aos campos da biologia e da medicina trata a velhice como o sinônimo de doença, pobreza e aposentadoria, caracterizando uma parte da população em termos numéricos, como problema social e como indivíduos que necessitam de assistência (Barros, 2009).

Portanto, devido ao aumento da expectativa de vida em todo o mundo, não se pode mais ignorar e desvalorizar a população que envelhece, pois, cada vez mais, eles(as) assumem valores importantes na sociedade e se tornam protagonistas do cenário social, principalmente pelo crescente aumento da população de idosos e pela criação do Estatuto do Idoso, que possui o objetivo de promover autonomia, direitos, integração e participação dos(as) idosos(as) na sociedade.

A partir do momento em que reconhecemos a velhice como uma categoria social, pode-se desconstruir alguns preconceitos atribuídos à pessoa idosa pelo contexto sociocultural atual (Ávila & Guerra, 2007).

Somente nos últimos anos, estudos com a temática envelhecimento estão sendo reconhecidos no país (Goldenberg, 2009). Somente a partir da década de 60 as ciências sociais e humanas conseguiram, em parceria com a gerontologia social, interferir na realidade de pessoas na velhice. A partir desta década, constatou-se que as melhores condições de vida dos brasileiros/as iriam resultar em um maior prolongamento da vida. Assim, pensar em indivíduos que vivenciam a velhice, muitas vezes revela a desvalorização sofrida por esses sujeitos, que outrora eram considerados os sábios, os gurus, os exemplos a serem seguidos e que atualmente se protegem do desprestígio.

Minayo (2011) ressalta que os padrões de avaliação do que seja ser velho estão se transformando. A geração dos anos 60 chegou ao momento histórico atual com a presença contestadora, engajada, aberta a novas aventuras ainda em busca de modificar os modos antigos de pensar e de viver o envelhecimento.

1.2 – A mulher idosa na dança dos discursos sobre gênero, corpo e sexualidade

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher (Beauvoir, 1980, p 9).

Com esta frase, Simone de Beauvoir inicia o livro *O Segundo sexo* e causa um impacto, e todo mundo começou a repeti-la indicando que o modo de ser e de estar no mundo não era resultado de um ato único e sim de uma construção. Fazer-se mulher era uma mistura de marcas, gestos, comportamentos, gostos, preferências que lhes eram passados, ensinados, impostos conforme normas e valores culturais (Louro, 2008).

Os valores sociais e culturais de um determinado tempo e local normatizam os modos de vida. A relação entre as pessoas é influenciada por ideias, valores e modelos sobre o que é ser masculino e o que é ser feminino, por exemplo (Torres *et al*, 2011).

Para falar sobre gênero, é preciso conceituá-lo, ele representa os valores e performances sociais e culturais que os homens e mulheres exercem na sociedade. Para Louro (1996), gênero está ligado à construção social como sujeito masculino ou feminino, diferentemente da definição de sexo, que se refere à identidade biológica de uma pessoa. O gênero é uma identidade construída e constituída pelas múltiplas relações sociais, instituições, símbolos, formas de organizações sociais, discursos e doutrinas.

Butler (2002) define gênero como uma categoria relacional à produção de performances corporais e subjetivas identificadas como masculinas e femininas e como uma categoria que confere matrizes diferenciais de valores às demais atribuições sociais que, inscritas nos corpos, possibilitam a constituição dos sujeitos, homens e mulheres.

Através de séculos, foi utilizado, de forma figurada, o termo gramatical, gênero, para classificar os traços de caráter e traços sexuais, e as feministas começaram a utilizar a palavra como forma de organização social e relação entre os sexos. Na gramática, o termo gênero é utilizado na atribuição do feminino e masculino e na forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente de distinção (Scott, 1990).

A resignificação e (re)apropriação do conceito de gênero se deu entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico ao uso de termos como sexo ou diferença sexual. O termo gênero enfatiza igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Para historiadores feministas, inscrever as mulheres na história implica na redefinição e no alargamento das noções tradicionais e inclusão da experiência pessoal e subjetiva e das atividades públicas e políticas.

O grande objetivo desses autores feministas foi deixar em destaque aquela que por muito tempo foi ocultada. As mulheres tornaram-se invisíveis como sujeito devido à segregação social e política a qual elas foram geridas. Vários discursos caracterizavam o mundo doméstico como “verdadeiro” universo da mulher. Mas, há muito tempo, este discurso foi sendo rompido, primeiro pelas camponesas, trabalhadoras que passaram a exercer atividades fora do lar. Aos poucos, as mulheres foram assumindo espaço em fábricas, lojas, escritórios, escolas e hospitais. Apesar de as atividades serem controladas e fiscalizadas por homens, e elas assumem o papel secundário, de apoio. Estudos e pesquisas denunciam a ausência das mulheres em outras áreas, como ciências, letras, artes, como também as desigualdades sociais, políticas, econômicas, jurídicas. (Louro, 2011).

A autora (Scott, 1990) defende a diferença múltipla ao invés da diferença de gênero binária, entendendo que mulheres entre si diferenciam-se quanto à origem de classe, raça/etnia, geração, idade, comportamento, caráter, desejo, subjetividade, sexualidade e experiência histórica. A análise exige não só uma relação entre a experiência no passado, mas também uma conexão entre a história passada e a prática histórica presente. Louro (2011) também defende o rompimento do pensamento dicotômico: razão/sentimento; teoria/prática; público/privado. Essa dicotomia não aborda somente homens e mulheres de diferentes idades, classes, raças, religiões, entre outros.

As expectativas sociais norteiam a trajetória desses indivíduos que envelhecem aonde os diferenciais de gênero vão além das diferenças desses idosos de hoje. É preciso estabelecer uma distinção entre idosos em geral e experiência pessoal enquanto participante desta sociedade que envelhece.

Debert (1994) afirma que, para compreender a velhice, é necessário estabelecer diferenças entre o passado e o presente deste idoso, em que surgem novas dimensões colocando o envelhecimento como uma experiência inovadora, se comparada à velhice de antigamente.

Segundo Gomes (2001), três pontos são relevantes nesse novo papel social dos(as) idosos(as) na atualidade e nas novas formas de agrupamento e sociabilidade: mudanças na estrutura etária, na socioeconômica e nos papéis dos sexos/gêneros.

As mulheres na velhice experimentam um momento de dupla vulnerabilidade, o ser mulher e ser idosa. Em algumas sociedades, a mulher é valorizada exclusivamente pelo seu papel reprodutivo e pelo cuidado com as crianças e a casa, chegando à fase velhice com sentimento de perdas, desprezo e abandono, além de todas as transformações físicas devido ao avanço da idade, das diferenças fisiológicas que são agravadas pelo efeito da desnutrição, das gestações, do desgaste físico e psicológico devido à dupla jornada de trabalho, da submissão econômica e social, presença da depressão e isolamento e menor acesso à seguridade social, por desvantagem no mercado de trabalho e saúde, apesar de no Brasil, haver vários programas de atenção à saúde da mulher, mas nenhum voltado à mulher idosa (Debert, 1994).

Para Goldenberg (2013), em uma visão social, as mulheres acabariam por deixar de existir quando cessasse a sua capacidade reprodutiva, só restando aguardar sua morte biológica. Vilela e Oliveira (2011) questionam sobre o cotidiano dessas mulheres quando o compromisso com a maternidade já foi cumprido e a sexualidade não seja mais possível, ou necessária, estabelecer controle. Alternativamente, as autoras questionam a importância de recuperar ou persistir num discurso novo, em que, cada vez mais, as mulheres controlam a sua capacidade reprodutiva, exercem a sua sexualidade independentemente do casamento, ocupam uma fatia importante no mercado de trabalho remunerado e conquistam progressivamente lugares de poder na sociedade.

Portanto, alguns autores abordam esta temática com mais otimismo. Segundo Silva (2008), as características geracionais são as principais influências e marcadores de identidade e fez que as mulheres tenham envelhecido de forma mais ativa e saudável, se comparadas aos homens. As mulheres, diferente dos homens, não experimentam uma ruptura brusca em relação ao trabalho e à aposentadoria. Elas sentem uma maior liberdade econômica devido à aposentadoria, fazendo que elas decidam sobre suas vidas de forma mais independente. As mulheres se adaptam melhor às alterações no organismo, elas enfrentam melhor as mudanças que ocorrem com a velhice (Debert, 1994; Figueiredo, 2007). Além de mais longevas, comparadas aos homens, elas vêm se destacando com uma nova imagem da velhice, mais dinâmica e participante de grupos.

A velhice é uma passagem de um mundo totalmente regado pelos estereótipos para outro onde elas se sentem impelidas a criar as próprias regras. O próprio envelhecimento e as perdas que o acompanham permitem a essa mulher viver a liberdade e a independência, dando a ela uma nova visão e expectativa de vida e bem estar. Debert (1994) marca que esse bem-estar vivenciado pelas mulheres é construído por duas forças opostas, por um lado, a juventude cheia de opressão e controle dos pais e da sociedade; por outro, a experiência do envelhecer para mães e avós marcadas pela submissão e pela dependência dos filhos.

A maioria das idosas atuais teve uma vida profissional, sexual e social muito restrita e reprimida pela sociedade em comparação aos homens da mesma geração, resultando em trajetórias diferenciadas que as conduziu a viverem de formas diferentes (Motta, 2006).

Para Barros (2003), o papel da mulher na sociedade voltado para a família está ligado à imagem da mulher-mãe e da esposa submissa. Ela é um elemento da hierarquia familiar, não existe espaço para a mulher-indivíduo e não é na família que conseguirá esse espaço. Assim, ela busca a identidade de mulher fora do ambiente familiar, nas novas formas de sociabilidade e na possibilidade de tomar decisões, de redefinir e repensar a própria vida.

As mulheres em fase de envelhecimento assistiram a mudanças fundamentais na sociedade brasileira, como aceleração da urbanização, conquistas feministas, valorização do trabalho da mulher fora do lar, revolução sexual, entre outros. Os efeitos destas mudanças não foram muito sentidos durante a juventude, porém estão provocando consequências na velhice. Grande parte das idosas ditam, como pontos negativos da vida que tiveram, o atraso da geração; a excessiva rigidez na educação que receberam dos pais e avós; o desconhecimento do corpo e do sexo; a imposição do casamento e as limitações na educação (Alves, 2004).

A conquista da liberdade feminina redefine o processo de envelhecimento, abre-se um mundo de oportunidades para criar novas regras e estilo de vida. Hoje, havendo terminado o papel social pré-definido das funções femininas na sociedade, é permitido a elas a capacidade de ampliar a diversidade das atividades cotidianas, socialização, formação de grupos de terceira idade, esportes, lazer, atividade física, cultural e artística.

Segundo Irigaray e Schneider (2008), esses espaços de socialização permitem que os idosos interajam com os demais e se tornam possíveis facilitadores de uma velhice bem sucedida, proporcionando suporte emocional, instrumental e informacional a esse grupo, fazendo com que seus componentes desenvolvam habilidades sociais e capacidade de resolver problemas decorrentes da velhice.

As mulheres na fase de envelhecimento se deparam com questões acumuladas ao longo de uma vida de discriminação e desigualdade. Elas vivenciaram uma expectativa obrigatória de uma feminilidade marcada pela obediência e pelo conformismo, além de uma apropriação social do corpo com controle familiar e medicalização das funções reprodutivas. Hoje, elas buscam permanecer com a imagem da juventude e a preservação da beleza para serem aceitas pela sociedade, fortalecendo o estereótipo de que a mulher idosa não possui mais os sentimentos sensuais ou apaixonantes. A mulher, então, depara-se com o processo que marca o seu corpo como repulso e inútil (Fernandes, 2009).

“Meu rosto tem algo que dá medo”. A imagem no espelho se torna apavorante porque não corresponde mais à imagem idealizada; a imagem no espelho antecipa ou confirma a velhice. A sociedade elege a juventude não como uma fase da vida, mas como uma forma de viver (Barros, 2000, p.13).

O tema corpo e envelhecimento emerge em duas dimensões, primeiro, o representativo de passado: o corpo que se tinha e não tem mais e, segundo, as mudanças físicas que marcam a passagem da juventude e caracterizam a velhice, acompanhada pela preocupação em cuidar da própria aparência e tentar se manter bela mesmo tendo perdido a juventude (Alves, 2004).

A cultura da sociedade impõe rótulos e regras em que ninguém deve parecer envelhecido, sob pena de ser excluída do mercado de trabalho, sexual, social e consumo. Santos (2004) ressalta que o belo é favorecido socialmente, e as pessoas buscam corresponder às expectativas da sociedade. No culto ao próprio corpo, a idosa constrói uma identidade rígida, isolada, e apenas o prazer no olhar do outro. Com a valorização do corpo jovem, sem marcas, dito perfeito pela sociedade, o envelhecimento ganha imagem de repulsa, parecendo pior que a juventude.

O culto ao corpo, com todos os rituais de embelezamento, rejuvenescimento e modelagem, em busca das medidas perfeitas e impostas pela sociedade, deve a sua propagação e imitação baseada no prestígio conferido àquelas que ostentam um físico dentro dos padrões estéticos (Goldenberg, 2011).

A sociedade determina as características do corpo ideal, tornando esse modelo o mais desejado pelas mulheres, que o percebem como fonte de ascensão social, tornando-o um capital físico, econômico e social. Desde que seja um corpo sexy, jovem, magro, sem marcas, em boa forma, que seja superior àquela que o possui, mesmo sendo conquistado com muitas intervenções, investimento financeiro, trabalho e sacrifício (Goldenberg, 2009).

Para aquelas com algum recurso financeiro, são grandes os investimentos em medicações, abordagens estéticas, planos de saúde, consultas, academias, revigorantes sexuais, vitaminas, entre outros. Agências de viagens, spas, salões de beleza, indústrias farmacêuticas faturam alto com esse novo público na busca frenética para recuperar a imagem jovem, para prosseguir inseridos nesse mundo onde o que conta é aparência (Reis, 2011).

Recursos como dietas, ginásticas, cosméticos e cirurgias são utilizados na modelagem do corpo para se enquadrar nos padrões considerados aceitáveis, esteticamente valorizados. A sociedade valoriza o corpo magro, de músculos enrijecidos, sem marcas, um corpo saudável. Para as mulheres mais velhas, a exigência é manter-se mais jovem por mais tempo, disfarçar a idade pela aparência, tendo o corpo controlado, muitas vezes mutilado, ou vivendo na escuridão para esconder as imperfeições e as marcas do envelhecimento.

A manutenção e exibição dos corpos têm tido relevância e importância cada vez maior. O interesse em transformar o corpo atual em um corpo ideal, modelo imposto pela sociedade, está aumentando a cada dia. O corpo é um meio de demonstrar a capacidade de escolha e de se encaixar em um código de beleza e saúde socialmente aceito e compartilhado.

O corpo entra em uma máquina do poder que o controla, o articula e o recompõe, definindo como se ter o domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que se façam o que se quer, e sim como se quer, incluindo as

características impostas e determinadas pela sociedade (Foucault, 2002). Neste momento, uma disciplina exercida sobre o corpo se esforça para “medicalizar” os comportamentos e desejos, impondo classificações, rotulando a conduta de cada um, sempre colocando que o indivíduo não poderia, sozinho, compreender, nem identificar uma verdade sobre o corpo e alma.

O tema sexualidade e envelhecimento é desestimulado pela sociedade que cria uma imagem negativa, colocando obstáculos que impedem os idosos de continuarem desejando e sendo desejados, pois a vivência e as experiências deste grupo são pouco faladas, mal compreendidas ou mal conhecidas por aqueles que as escutam. Esse tema acaba sendo distorcido, levando muitos a pensarem que os(as) idosos(as) não possuem sentimentos, desejos e vontades, apenas doenças, medos e angústias.

A velhice assume uma imagem deteriorada e negativa, principalmente no âmbito sexual; não existe apoio e nem incentivo da família, dos profissionais e da mídia, que proporciona imagem pouco atraente da velhice, colocando obstáculos para impedir que os idosos continuem desejando e sendo desejados.

Zimerman (2000) afirma que a sexualidade na velhice é desestimulada através do mito de que o velho não tem vida sexual, caracterizando mais um desrespeito com que a sociedade trata o velho e com o qual alguns compactuam com este pensamento, e outros pouco a pouco tentam modificar este cenário.

São muitos os motivos para o(a) idoso(a) se afastar de uma vida sexual ativa: aspectos sociais, físicos e emocionais podem, de forma isolada ou associada, interferir na qualidade de vida. A perda do trabalho, perda de rendas, vínculos afetivos, amigos e entes queridos são fatores que levam o idoso à solidão e ao isolamento. Mas, quando a pessoa, mesmo de idade avançada, mas com saúde, valoriza tal atividade, busca estratégias para minimizar os seus obstáculos, mantendo a busca por um companheiro para partilhar sexualidade e afetividade (Pascual, 2000).

Segundo Debert (2004), a dificuldade de aceitação da sexualidade das idosas está relacionada a aspectos sociais e culturais. Alguns comportamentos ainda hoje são definidos como patologias pelo discurso médico, psicológico e jurídico. Nos

países ocidentais, a definição de velhice leva em consideração apenas a idade cronológica, classificando a velhice como sinônimo de decadência biológica, fragilidade, assexualidade e androgenia.

Segundo Foucault (1988) e Butler (2010), o sexo se torna o elemento mais especulado e o mais ideal. Em um dispositivo de sexualidade onde o poder organiza em captações e materialidade dos corpos, força, energia, sensações e prazer, o sexo assume outra função:

É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (...), à totalidade de seu corpo (...), à sua identidade (Foucault, 1997, p. 145).

Não tem como falar em poder e sexualidade sem que questões referentes à formação dos indivíduos por um processo contínuo de disciplina sejam abordadas. Pacheco (2009) cita que o poder disciplinar utiliza a técnica de adestramento nas escolas, conventos, quartéis e hospitais, impondo uma forma correta de se comportar, o espaço onde possa circular e o tempo que os indivíduos possam exercer suas atividades. Haveria uma repressão generalizada à sexualidade. Ela deveria então calar-se, omitir-se. Através da interdição, ela seria condenada ao silêncio e à não existência. Seria esse o interesse ou objetivo nas relações de poder em que se colocam o mutismo e a repressão.

Foucault (2004) discorre sobre a produção do discurso afirmando que este é regulado, selecionado, organizado e redistribuído dentro da sociedade, explicando o fato de alguns assuntos e discursos serem proibidos na sociedade.

O sexo tornou-se algo que era preciso examinar, vigiar, confessar e transformar em discurso. Podia-se falar em sexualidade, mas para proibi-la e para censurá-la (Foucault, 1988).

No envelhecimento feminino, ocorre uma patologização ou uma negação da sexualidade. Mulheres são consideradas como sexo frágil e como um produto com data de validade, sendo valorizadas somente pela capacidade reprodutiva e pelos cuidados com a casa e com filhos. Além do controle do corpo e da necessidade de

parecer mais jovem, em que esse corpo, antes submetido a trabalhos domésticos, agora é controlado pela estética.

Já que o destino da mulher é ser, aos olhos do homem um objeto erótico, ao tornar-se velha e feia, ela perde o lugar que lhe é destinado na sociedade: torna-se um monstrum que suscita repulsa e até mesmo medo (Beauvoir, 1990, p. 152)

A autora (Scott, 1990) cita o antropólogo Maurice Godelier:

Não é a sexualidade que assombra a sociedade, mas a sociedade que assombra a sexualidade do corpo. As diferenças entre os corpos, relacionadas ao sexo, são constantemente solicitadas a testemunhar as relações sociais e as realidades que não tem nada a ver com a sexualidade. (Godelier, 1981, p.127).

O rigor do olhar em relação ao envelhecimento feminino é bem maior se comparado ao masculino. As proibições são mais evidentes para as mulheres, elas não podem ter vida sexualmente ativa e, se busca ter ou manter, é vista como inadequada por conta da idade. Elas são proibidas ou desencorajadas a sedução e desejo, pois seus corpos não são mais objeto de desejo, estão fora do circuito de sedução e reprodução imposto pela sociedade. Diferentemente dos homens, para os quais, após a invenção dos estimulantes sexuais, tudo é permitido, havendo maior prazo de validade, comparado às mulheres.

Featherstone (2000) defende a ideia de que o envelhecimento, junto com as inovações sociais e tecnológicas, permite aos indivíduos liberdade de escolha sobre seus corpos e abre novas possibilidades de experiências no curso da vida. A mudança nas formas de vivência e nas imagens da velhice ocorre devido às alterações significativas no modo como as pessoas encaram o envelhecimento.

É preciso aceitar o desafio e assumir a singularidade e suas consequências e reinventar seu próprio tipo de existência partindo da sexualidade que as aprisionam para o direcionamento a outras afirmações.

1.3 Espaços de sociabilidade dançantes

Os idosos chegam à dança com uma vida sedentária, com rígidos preconceitos, com a juventude na memória e com vontade de movimentar-se. Muitos chegam como o desejo de saber se podem alcançar a possibilidade de se comunicar através dos movimentos do corpo. E a resposta é: Claro que sim, para expressar-se não há limites de idade (Fux, 1983, p. 93).

Os bailes são caracterizados como espaços de sociabilidades através da participação de grupos de idosos. Esses locais permitem que eles possam compartilhar vivências, fazer novas amizades e sentir-se valorizados e inseridos no meio social (Moura, Leite, Hildebrant, 2008). Locais onde novas experiências possam ser vividas coletivamente, nos quais seja possível buscar a autoexpressão, explorar a identidade e estimular a socialização e interação entre os participantes (Debert, 2007).

Esses espaços de sociabilidades devem ser atrativos para mulheres que desejam formas alternativas de viver a velhice fora da reclusão do lar e necessitam de locais onde a vivência possa ser facilitada pela presença de idosas com trajetórias de vida mais ou menos semelhantes e estejam protegidas da associação com a rua (Alves, 2004).

As mulheres idosas através da dança de salão, expressam a possibilidade do exercício da sedução. Elas seduzem quando são capazes de transformar a

aparência do próprio corpo para si e para os outros, tornando-o instrumento de exibição da capacidade individual de dominar os efeitos da idade, através da recriação do corpo velho em um conjunto que possa ser admirado e exaltado.

Não pensamos no velho como alguém vivo e que ainda busque a felicidade. Essas mulheres estão quebrando o paradigma de vovozinha que fica em casa para olhar os netos, sem vida própria e demonstram que não morreram que gostam de lazer, de prazer, mesmo que isso seja mediado pelo consumo (Nascimento, 2011).

Nos bailes, o predomínio é a dança de salão, em que a presença da dama é valorizada e notada, capaz de adicionar valores ao desempenho do cavalheiro em um espaço marcado pela vaidade e disputa feminina. A construção do momento para participar destes bailes é iniciada pela escolha da roupa, penteado, maquiagem e finalizada na pista de dança, no desempenho e performance, no charme sob olhares atentos de todos os frequentadores (Alves, 2004).

Nesses espaços, as mulheres idosas encontram-se motivadas pela possibilidade de exercitar não somente os passos da dança de salão, mas também a autoestima, o domínio, a vaidade e a sedução. Muitas participantes pagam um dançarino para dançar com elas nos bailes e acompanhá-las nas danças.

Esses parceiros de aluguel são dançarinos, rapazes contratados e pagos para acompanhar as idosas nos bailes e para ensiná-las a dançar. Uma ou mais damas conversam com dançarinos e estipulam um preço para ele dançar com elas em um determinado baile. Muitas vezes, o papel do dançarino não se restringe a dançar, quando ele é contratado, ele tem que ir buscar a dama em casa, abrir a porta do carro, dirigir até o baile, divertir-se durante a noite e retornar a residência da idosa. Existe um resgate do cavalheirismo, porém a mulher assume um papel diferente, pois ela paga todo o serviço.

Além do pagamento do dançarino, as despesas incluem a entrada do baile, consumo, almoço ou jantar. Tudo pago pela mulher. O aluguel pode ser feito de duas maneiras, através da academia ou via particular, direto com o dançarino, prática mais comum nos dias atuais. A principal forma de divulgação do trabalho dos

dançarinos de aluguel é através dos próprios bailes, onde eles mostram todo o domínio e desenvoltura nas danças e distribuem o cartão de visita. Outra opção são os bailes de ficha, onde os dançarinos ficam disponíveis por música no salão para dançar com as clientes, e o pagamento é realizado por cada dança.

1.4 Bailes de dança na cidade de Fortaleza

A partir dos anos 50 a 70, os clubes sociais ganharam força e predominaram como forma de lazer nos setores privilegiados na cidade de Fortaleza. Os primeiros bailes surgiram em diferentes áreas da cidade e constituem-se como espaços de lazer das camadas privilegiadas da população fortalezense.

Uma cidade cuja “elite” se impregna do anseio de “modernização”, “progresso” e uma pretensa inserção em um mundo civilizado, mas que, paradoxalmente, ainda é provinciana e carente de infraestrutura urbana e vai encontrar nos clubes sociais uma maneira de afirmação de poder, diferenciação e distinção social. (Pontes, 2005, p.69).

Algumas razões contribuíram para que os bailes se tornassem uma opção de lazer para a sociedade de Fortaleza, como: poucas opções de diversão, controle familiar e estilo de vida ligado ao consumo e poder. Com base nessas razões, pode-se perceber que o lazer não era mero passatempo de final de semana. Nos clubes, determinados valores familiares, econômicos e modelo de modernização estavam sendo construídos, intensificando a segregação das áreas de lazer na cidade e o surgimento do estilo de vida e experiências vindas dessa prática.

Em 1950, o Náutico Atlético Cearense inaugurou sua sede monumental na Praia do Meireles, chamando atenção de toda a população e abrindo seus salões para os visitantes de todo o país e até do exterior. Os demais espaços não quiseram ficar atrás e começaram a se modernizar também, como o Clube dos Diários, que

também inaugurou uma elegante sede na Praia de Iracema. O Círculo Militar acompanhou o movimento e construiu uma moderna sede em uma área nobre da cidade, entre a Avenida Desembargador Moreira e a Rua Oswaldo Cruz. Nos anos 50, aconteceu uma ascensão de todos os velhos e tradicionais clubes da cidade, constituindo uma nova forma de viver com mais alegria, descontração e charme (Pontes, 2005).

Com o surgimento desses elegantes clubes, as famílias de Fortaleza mudaram seus hábitos e passaram a encontrar nesses espaços uma continuação do seu próprio lar, porém com mais vantagens, como banhos de piscinas, esportes, bares e restaurantes. As moças e os rapazes encontravam-se e divertiam-se neste ambiente familiar na presença dos pais ou responsáveis. Os pressupostos dos “anos dourados” estavam presentes nos conselhos maternos, nos romances, nos jornais, nos sermões dos padres, nos colégios e também nos clubes sociais (Pontes, 2005).

Tamanha rigidez e controle social encontravam nos clubes o ambiente adequado para que a moça de família, sob os olhares vigilantes dos pais e dos demais frequentadores, aí travasse contatos com rapazes do seu nível, entabulasse conversas e iniciasse namoros que se transformariam em noivados e posteriores casamentos. Com efeito, essas instituições constituíam uma maneira de inserção da mulher na vida social. Muito restrita a esfera doméstica e a execução de tarefas ligadas a família, representavam para o segmento feminino da época, uma oportunidade para exercitar a vaidade, dançar e cultivar amizades. (Pontes, 2005, p.58).

Através da fala da autora, percebemos uma distinção dos papéis sociais femininos e masculinos na época, que orientavam quais as funções de cada um e como se comportar. Colocando como destino esperado e natural das mulheres serem mães, donas de casa, puras, obedientes aos pais e marido. Para as mulheres, esses locais eram mais do que diversão e prazer, nos bailes, estava a oportunidade de perpetuar esse destino de encontrar um marido de alto status social. Os bailes eram, portanto, locais onde as adolescentes eram apresentadas à sociedade.

Nessa época, aconteciam também os bailes de debutantes, grandes festas, com grande repercussão nos jornais e mídias, garantindo o status social dos frequentadores dos clubes. O colunismo social e a imprensa reforçavam as ideias

relacionadas ao lugar da mulher na sociedade, sendo sua casa, marido e filhos sua fonte de felicidade (Pontes, 2005).

Então, desde os anos 50, os bailes tinham sinais evidentes de função reguladora das práticas de lazer destes grupos, com regras de conduta e civilidade. Os bailes reforçavam os valores ligados ao feminino, ao masculino, à família, à sexualidade e à manutenção da segregação social diante do crescente desenvolvimento urbano de Fortaleza (Siqueira, 2009).

Na década de 60 e 70, os clubes continuaram a surgir na cidade, alguns ainda conhecidos nos dias atuais como o BNB clube, Clube do Médico e Clube dos Oficiais da Polícia Militar. Nessa época, houve mudanças nas formas de lazer na cidade, com o surgimento de outras opções de divertimento. Com isso, alterou-se a dinâmica dos bailes, gerando-se serviços e eventos acessíveis mediante a compra de ingressos. Nesse momento, houve uma diminuição do público nos clubes, o fechamento de alguns espaços e o deslocamento e a ascensão dos clubes nas áreas nobres da cidade, transformando as relações praticadas nesses espaços ligadas à família e ao status social de determinada parcela da sociedade (Siqueira, 2009).

Nessa época outras importantes transformações sociais aconteceram em todo o mundo, como feminismo, rupturas de antigos padrões estabelecidos, novas formas de conduta, inserção da mulher no mercado de trabalho, busca por direitos igualitários, revoluções culturais e movimentos importantes, como o hippie, o estudantil, o homossexual, o negro e os protestos contra a ditadura no país. Então, a mulher de Fortaleza, em sua casa, na sala de aula ou no trabalho, percebia e participava dessas mudanças (Siqueira, 2009).

Hoje, os clubes sociais estão em franca decadência, poucos espaços ainda continuam funcionando pela dificuldade de captar novos sócios e pela variedade de opções de divertimentos que a cidade oferece. Porém, alguns clubes supracitados permanecem na ativa, não com todo glamour e modernidade dos anos 50, mas com festas tradicionais programadas nos finais de semanas e frequentadas pelo mesmo público que frequentava tempos atrás, porém, de forma diferente, hoje, com a presença dos dançarinos contratados.

2. Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Compreender os modos de envelhecer na articulação com gênero e sexualidade em mulheres participantes de bailes de ficha/por contrato.

2.2 Objetivo específico

Mapear as representações do envelhecimento entre as frequentadoras dos bailes de ficha/por contrato;

Investigar as noções de gênero para estas interlocutoras;

Articular as representações de envelhecimento, gênero e sexualidade nas parcerias estabelecidas no baile.

3. Caminhos investigativos

3.1 Pressupostos teórico-metodológicos

A pesquisa foi inspirada nos pressupostos teórico-metodológicos baseados nos estudos culturais e de gênero foucaultianos e na fundamentação teórica dos autores: Guita Debert, Michael Foucault e Guacira Louro.

A pesquisa, seguindo os estudos culturais, nos permite pensar e observar os(as) idosos(as) inseridos(as) em uma cultura ligada ao envelhecimento, fazendo que os indivíduos aprendam a conhecer e reconhecer a si e ao mundo onde estão inseridos(as) (Alvarenga, 2008).

A cultura atravessa tudo o que acontece em nossas vidas e dimensiona as significações que somos capazes de atribuir a esses acontecimentos. Cada grupo social gera um universo próprio e único e distinto de significados e práticas. Todas essas práticas sociais possuem um significado relevante e, para elas funcionarem, possuem uma dimensão cultural (Hall, 1997).

Cultura, para Silva (2007), é um campo de luta pela significação, envolvendo os grupos sociais. O autor relaciona a cultura com o poder. Com isso, afastando dos que tomam, como um conjunto fixo de valores, hábitos, práticas e conhecimentos acumulados pela sociedade e que são transmitidos de geração para geração, aprisionando um processo constante de mudanças e desconstruções, como em relação ao envelhecimento.

Louro (2010) afirma que existem diversas pedagogias atuando no meio social e ensinando aos corpos masculinos e femininos, adultos, infantis e velhos como se comportar e se relacionar com os objetos do meio.

Os estudos culturais oferecem uma contribuição relevante para a desconstrução das antigas referências e práticas consolidadas e muito têm facilitado

os esforços para examinar as práticas atuais nas quais os indivíduos entendam e conheçam a si mesmos e ao mundo que os cerca (Steinberg, 2001).

Os processos que significam e diferenciam os corpos, classificando-os e hierarquizando-os, constituem o chamado sistema de representação. Segundo Silva (2007), as representações culturais se caracterizam como toda forma visual ou textual de apresentação e descrição dos objetos e sujeitos culturais, o que envolve “práticas de significações e sistemas simbólicos através dos significados que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que nós somos constituídos e construídos” (Meyer, 2000).

Os processos de significação característicos da cultura são fundamentalmente linguísticos e permeados por relações de poder, na perspectiva de Foucault (1995). Para ele, o poder encontra-se em todos os lugares e grupos sociais inseridos na cultura. Esse poder não tem características de ser repressivo, ele possui um caráter produtivo. Para o estudo, o poder se enaltece na produção do corpo, do corpo que envelhece e que é tido como alvo e objeto do poder disciplinar.

As representações sociais atuam para nomear, descrever, classificar e diferenciar os sujeitos e sua relação com o meio, e, para a análise das representações, é necessária a análise dos significados culturais que cada representação produz e coloca em discussão (Hall, 1999).

Representações envolvem as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados – que nos permite entender nossas experiências e aquilo que somos – são construídos. [...] as representações envolvem, pois, práticas de construção e partilhamento de sentidos da cultura, pela operação de diferentes e variados signos e sistemas de classificação (Meyer, 2000, p. 58).

Nas pesquisas pós-críticas, a verdade é construída pelos discursos, pela produção do conhecimento e pelas relações de poder-saber que se constroem em determinada época. O objetivo não é descobrir a verdade sobre os problemas da atualidade, e sim compreender a produção dos discursos que, em função das

relações de poder que se estabelecem na sociedade, podem vir a tornar-se verdadeiros. Diferenciando-se das pesquisas tradicionais, que procuravam, na metodologia, uma forma de garantir a verdade. As pesquisas pós-críticas rompem com essa visão (Costa, 2007).

Hall (1999) define discurso e representação, em que discurso refere-se a afirmações que fornecem uma linguagem que possibilita falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo de conhecimento. O discurso se refere tanto a produção de conhecimento pela linguagem e da representação quanto ao conhecimento institucionalizado adaptando novas práticas sociais.

Ao usar inspiração dos estudos culturais e dos estudos pós-estruturalistas, a pesquisa se propõe a lançar um olhar diferenciado dos objetos de estudo, da problemática, das teorias e das metodologias de pesquisa adotadas. A autora Costa (2007) coloca como verdadeira uma construção social discursiva e permeada por relações de poder, em que não se procuram verdades, certezas e respostas únicas, e sim construção de novos significados para os problemas encontrados. Por isso, há necessidade de desconstruir as metodologias usadas para que se possa produzir novos olhares na pesquisa.

3.2 Pesquisa de campo:

Consiste em uma pesquisa com abordagem metodológica qualitativa. Foi adotada a perspectiva etnográfica, evidenciando a temática do envelhecimento, gênero e sexualidade no plano da produção e circulação de suas significações a partir de um território de sociabilidade específico – os bailes em Fortaleza.

Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A escolha pela abordagem qualitativa se fundamentou pelo interesse em conhecer as mulheres idosas que participam de bailes de sociabilidades, em compreender a percepção e vivência delas sobre envelhecimento e sexualidade, já que esse tipo de abordagem possibilita o acesso à experiência, aos sentidos e às significações que as pessoas têm a dizer sobre o fenômeno pesquisado e analisar o sujeito da pesquisa e seu modo de pensar.

Segundo Oliveira (2012), a pesquisa qualitativa é um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de método e técnicas para compreensão detalhada do objeto em estudo de acordo com o contexto histórico e sua estruturação.

Em pesquisas de abordagem qualitativa todos os fatos e fenômenos são significativos, relevantes, e são obtidos e trabalhados através de observações, aplicação de questionário, entrevista e análise de dados, estudos etnográficos e estudos de casos (Tinelli, 1999).

Na pesquisa etnográfica, o(a) pesquisador(a) se envolve através de um engajamento inicial de exploração do campo, no caso, em bailes de sociabilidade, incluindo a permissão do espaço para participação e observação do local, dos frequentadores, dos comportamentos, da construção da identidade e corpo e da relação entre as idosas e parceiros contratados.

Conforme Holanda (2006) o método etnográfico exige o máximo de interação e envolvimento do(a) pesquisador(a) com aqueles que estão sendo observados(as), ou seja, requer uma participação ativa do(a) pesquisador(a) no trabalho da pesquisa.

Creswell (1998) corrobora a perspectiva da pesquisa etnográfica como sendo a descrição e a interpretação de um grupo ou sistema cultural ou social a partir do exame dos padrões de comportamentos observáveis, envolvendo um extenso trabalho de campo e permitindo observações diretas das atividades do grupo estudado, comunicações e interações com pessoas e oportunidades para entrevistas formais e informais.

A realidade observada no campo de pesquisa é construída pelo olhar do(a) etnógrafo(a). O(a) pesquisador(a) tem o direito e o dever de relatar o que viu.

Porém, Costa (2007) coloca que não há neutralidade na escrita, pois esta é marcada pela trajetória daquele(a) que a escreveu, havendo suas visões de mundo e concepções do que seja a cultura, a educação, os sujeitos da pesquisa e as teorias de base.

A abordagem etnográfica permite ao(à) pesquisador(a) investigar e vivenciar as formas de organização de um determinado grupo e a posição que os sujeitos pesquisados ocupam, movimentam-se e articulam-se nesses espaços.

Para a produção desta pesquisa com abordagem qualitativa, foi necessária a definição do interlocutor do estudo, a delimitação do espaço e do tempo, a produção e a elaboração do questionário, com perguntas norteadoras que permitem ao indivíduo da pesquisa discorrer sobre o tema proposto. A entrevista foi gravada e transcrita na íntegra com objetivos de compreender os sentidos da experiência vivida dos participantes acerca do problema da pesquisa.

3.3 Interlocutoras:

Foram escolhidas aleatoriamente para participar da pesquisa mulheres idosas heterossexuais, frequentadoras dos bailes dançantes na modalidade “por contrato” ou “ficha”, que realizam ou não contrato com os rapazes mais jovens. No tópico 4. Resultados e Discussões, realizo a descrição mais detalhada das participantes.

3.4 Produção dos dados e a construção das entradas de problematização:

A produção dos dados foi desenvolvida através da coleta de informações realizadas pela observação do local de pesquisa, os bailes de sociabilidade, das

participantes, dos costumes, das relações e comportamentos das mesmas. As visitas foram realizadas pela pesquisadora como observadora participante do baile. Realizou-se um diário de campo de todas as observações das visitas realizadas. O diário de campo foi produzido em tempo real no momento da visita aos espaços e revisado após o baile. O registro contém todas as impressões e observações sobre o baile, falas, conversas informais, comportamentos, gestos e expressões que se relacionam ao tema do estudo.

3.5 Lócus da Pesquisa

Na cidade de Fortaleza, existe um circuito de dança, definido como um espaço de sociabilidade, local de produção de uma experiência, onde todos os dias são frequentados por um público assíduo, partilhado entre pares. No palco, músicos tocam canções conhecidas, com ritmos variados, do samba ao bolero e xaxado. E, no salão, casais, mulheres desacompanhadas sentadas em grupo nas mesas e mulheres exibindo saias rodadas, sandálias de salto alto, maquiagens e acessórios, acompanhadas pelos parceiros pagos para dançar no baile.

A pesquisa foi realizada em um clube tradicional na cidade de Fortaleza-Ce que promove, semanalmente, as modalidades de bailes (de contrato ou de ficha).

A observação participante foi o procedimento privilegiado em campo, sendo ela um processo no qual a presença do(a) observador(a) numa situação social é mantida com objetivo de investigação científica, em que o(a) observador(a) é parte do contexto, sendo observado(a), no qual ele ou ela ao mesmo tempo modifica e é modificado por este contexto (Haguette, 1990).

Entrevistas individuais foram feitas com as participantes dos bailes. O primeiro contato foi durante o baile e as convidei para um café à tarde para realizar as entrevistas. Para produção das entrevistas, utilizei um roteiro semiestruturado (Apêndice A) produzido pela pesquisadora, contendo dados sociodemográficos e

questões disparadoras. Ao utilizar estas questões, sugerem-se temáticas a serem discutidas, deixando a participante livre para relatar sua história. Os principais temas norteadores da entrevista foram construídos a partir dos objetivos da pesquisa (modos de envelhecer, articulações com gênero e sexualidade, participação das interlocutoras nos bailes de sociabilidade e interação estabelecida com os jovens). Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e posteriormente analisadas com o intuito de compreender a experiência vivida por estas mulheres nos espaços de sociabilidade.

As entrevistas só foram realizadas após a leitura e concordância do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (Apêndice B). As participantes foram abordadas e receberam explicações sobre os objetivos da pesquisa e questionadas sobre disponibilidade e interesse em participar voluntariamente do estudo.

Todos os dados são confidenciais, garantindo direito à privacidade. Foi usado um nome fictício para divulgação das informações prestadas, impossibilitando, assim, a identificação das participantes da pesquisa.

3.6 Composição e análise dos dados

A análise dos dados foi realizada a partir da análise de discurso foucaultiano.

Na composição e sistematização dos dados, privilegiamos a sequência abaixo:

- Ordenação dos dados etnográficos e entrevistas, transcrição do material gravado, organização dos relatos e dos dados da observação participante;

- Classificação e categorização dos dados, estabelecimento das categorias, dos grupos de informações, que compreendem percepções, experiências, representações e subjetividades expressas nas falas das entrevistadas e que cercam esta prática;

- Elaboração dos eixos de análise, encontro de novas problematizações através dos discursos normativos e códigos morais;

- Interpretação dos dados e análise final, em que foi realizada uma vinculação das representações sociais que cercam as experiências do grupo estudado e formas de contestação sobre os modos de experimentação da sexualidade e envelhecimento.

Compor as informações coletadas é permitir que elas se tornem inteligíveis para o olhar do outro, mesmo que não conheça o local de pesquisa e não tenha conhecido nenhum participante, possa se sentir inserido nas histórias (Paiva, 2004).

3.7 Aspectos Éticos

Este projeto de pesquisa foi submetido e aprovado no Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza, segundo a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde - CNS, que determina as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos com o número: 745.618.

Os princípios éticos do estudo nos remetem à implicação política e cultural com o tema e desde a composição de um quadro de interlocução pautado pela ética de pesquisa feminista, com respeito às diferenças e operando no trabalho de não essencialização das diferenças e na promoção da igualdade das condições sociais e culturais de mulheres em posição de vulnerabilidade (aqui notadamente através do marcador geracional e de gênero, no caso, a partir do lugar das mulheres) (Sacchet, 2012).

4. Resultados e Discussões

4.1 Das aproximações com o campo: a pesquisadora entrando no salão.

Há cinco anos, frequento um restaurante na cidade de Fortaleza e sempre me chamava atenção a quantidade de pessoas na pista de dança. Vários casais dançando ao som de uma banda ao vivo, e percebia que, em alguns casais, as mulheres aparentavam serem mais velhas se comparadas aos homens com quem elas dançavam.

Com essa recordação e após ler o livro *A dama e o cavalheiro* (Alves, 2004), que relata o mundo dos bailes da terceira idade no Rio de Janeiro e uma reflexão sobre velhice, gênero e sociabilidade, eu e meu orientador decidimos o tema da dissertação.

Depois dessa decisão, iniciei as visitas aos bailes de dança que acontecem diariamente em vários locais de Fortaleza, clubes tradicionais, restaurantes e mercados. Entre os mais conhecidos: Círculo Militar; Clube Náutico; Alpendre da vila, Mercado dos Pinhões; BNB clube e um dos restaurantes mais tradicionais de Fortaleza, Parque Recreio, que recentemente abriu as portas do salão para os bailes. As festas são chamadas de Sábado Dançante, Quinta Dançante, dependendo do dia em que acontece, acompanhada do nome Dançante.

No Rio de Janeiro, os bailes são denominados de "terceira idade" e, atualmente, eles têm passado por uma transformação. O nome do baile, segundo os frequentadores, remete à ideia de um lugar parado, sem movimento, um local de encontro entre pessoas de mais idade. Os participantes condenam essa denominação, pois, ainda que os participantes sejam, em maioria de idosos, os bailes do Rio de Janeiro têm recebido um número expressivo de rapazes jovens, afastando, assim, o estigma de baile de velhos. (Alves, 2004).

Nas propagandas e folders de divulgação dos bailes, não existe a restrição de idade ou público alvo, mas a cidade já tem conhecimento das festas e do público

predominante. Em um estudo realizado nos bailes de Curitiba, Freitas (2000) relata que há um limite de idade para se associar e participar dos bailes. A associação que promove as festas só permite a entrada de pessoas acima de 40 anos. Em todos os locais que frequentei em Fortaleza, minha entrada foi livre e nunca fui questionada em relação à minha idade e, em nenhum momento, ouvi qualquer imposição ao limite de idade dos frequentadores.

Em Fortaleza, os salões são amplos, comportando grande quantidade de pessoas, com mesas ao redor da pista de dança. Todos os locais possuem serviço de bar e restaurante, com garçons uniformizados. Os bailes acontecem quase todos os dias da semana, geralmente noturnos, alguns cobram entrada, porém o acompanhante possui desconto no valor do ingresso, incentivando, assim, a participação de casais e, com isso, o equilíbrio no número de homens e mulheres na plateia. Os bailes estão sempre lotados e com participantes assíduos.

A Banda Fonseca Jr, presente em quase todos os bailes da cidade, é um participante fiel dos eventos. Eles tocam todos os tipos de música, todos os ritmos (samba, forró, bolero, salsa, xaxado, tango). O público é variado e heterogêneo, composto por jovens, predominantemente homens de 20 a 30 anos, e uma maior concentração de mulheres acima de 50 anos, mas percebi também a presença de homens acima de 60, porém em menor quantidade comparados as mulheres. Os participantes se organizam da seguinte forma: na pista de dança, casais de idosos heterossexuais e idosas acompanhadas de homens mais jovens e, ao redor do salão, mulheres mais velhas formando grupos, sentadas, conversando, bebendo e observando os casais dançando. Na pista, misturam-se casais de homens e mulheres de idades diferentes, com certa diversidade de corpos e aparências.

Antes de participar dos bailes, uma dúvida surgiu: qual roupa escolher para ir à festa? Pensando em um baile predominante com a presença de pessoas de mais idade, resolvi me vestir com uma roupa emprestada da minha mãe, uma saia mais longa, blusa bem composta, salto médio, cabelo preso e um acessório discreto, somente brincos pequenos. Para minha surpresa, encontrei, no baile, diversos estilos, mulheres exibindo roupas mais justas, coloridas, com decotes, saias com comprimento acima do joelho, com diversos acessórios, como brincos e colares com brilhos, saltos mais altos e cabelos arrumados, escovados e soltos, totalmente

diferentes das minhas expectativas. Diante deste fato, percebi o quanto meu olhar estava carregado de ideias preconcebidas sobre o grupo da pesquisa, momento que compreendi a importância de me despir de todos os conceitos e modificar meu jeito de olhar e pensar neste sujeito para absorver as novas descobertas e impressões deste universo.

Segundo Alves (1994), o baile é uma oportunidade para o exercício de cultivar a identidade da mulher, o cuidado do corpo e a beleza física. Através da dança, elas reconquistam o direito ao uso do próprio corpo, alterando representações que algumas idosas possuem sobre si mesmas e sobre o envelhecimento, construindo assim outra imagem de mulher. Esse direito ao uso do próprio corpo se confunde com autonomia e liberdade de escolha.

Segundo Siqueira (2009), uma das grandes preocupações das mulheres participantes dos bailes é a aparência física e as roupas e acessórios utilizados para exibirem na pista de dança. A apresentação do corpo em uma pista de dança é uma forma de conferir-lhes visibilidade e permanência na sociedade enquanto mulher. Trata-se da afirmação de uma condição feminina diferente da permitida em outras situações como posição da mulher dentro da família, lar e sociedade.

O local escolhido para a pesquisa é dividido em dois ambientes, o salão principal, com o palco da banda e *dancing*, local para dançar, com mesas e cadeiras ao redor, e um salão mais reservado próximo à entrada. Os dois ambientes com uma iluminação indireta, deixando o local mais escuro e agradável. O baile tem duração de 4 horas e inicia às 21h. A entrada individual custa R\$40 reais, meia para estudantes e idosos e R\$15 reais a entrada para dançarinos. O espaço passou por melhorias e reformas e hoje oferece espaço com piso diferenciado, acesso com acessibilidade e climatização.

Os casais começam a chegar e se posicionam nas mesas próximas ao palco, casais de idosos, mulheres desacompanhadas e mulheres acompanhadas dos jovens. Percebo a formação de três grupos diferentes: os casais idosos, as mulheres sozinhas e os casais de faixa etária diferenciada. Em cada grupo, todos se cumprimentam, como se muitos já se conhecessem. As mulheres sempre com sorriso no rosto se falam e parecem analisar e elogiar a aparência e detalhes da

vestimenta das outras. Com o passar das visitas, percebo sempre um público fiel, vários rostos já conhecidos.

Pontualmente, a banda começa a tocar às 21h. A música que começa o baile é um bolero, ritmo lento, e os rapazes começam a convidar, de forma cavalheira, as mulheres para dançar, curvando-se, com a mão solicitando a dança, e quando aceita, ele retribui com um beijo carinhoso na mão da dama. Os casais começam a se aproximar do *dancing* e dançam com elegância os passos laterais e frontais alternando com cruzado, passos básicos do bolero. Este é o momento em que os participantes de todos os grupos se fundem. Percebo conversas ao pé do ouvido, sorrisos, troca de olhares, leveza nos passos, habilidade e agilidade, noto que os rapazes possuem um grande conhecimento nos passos de dança e muita desenvoltura na condução da parceira.

Durante os bailes de dança de salão ocorre uma exaltação do culto ao corpo, uma dimensão de sedução e contato entre homens e mulheres. Este mundo da dança exige dos participantes habilidades do corpo para executar os movimentos, pois sem ela o sentido da dança a dois, do contato sedutor entre os parceiros e o desempenho do casal para a plateia não existem.

Sentadas, em algumas mesas ao redor do salão, mulheres em grupo de 3 ou 4 olham atentamente para os casais na pista, algumas vão à festa somente para admirar, observar, comentar detalhes sobre o baile e os participantes, e outras aguardam um convite para dançar. Algumas mais animadas dançam sozinhas próximas à mesa.

Em todos os bailes que participei, a partir da minha entrada, durante minha permanência no local e ao tentar me aproximar das participantes, senti olhares diferentes, curiosos, olhares que me vigiavam e acompanhavam os meus passos, imagino o fato por eu ser nova no local ou pelo estranhamento da minha idade.

Aproximo-me de uma mesa composta por 4 mulheres, sentadas em formato de meia lua e com as cadeiras voltadas para a pista de dança, apresento-me como estudante e peço permissão para sentar. Ao me apresentar, percebo a mudança das feições dessas mulheres, como se elas tivesse uma questão, uma incerteza em relação à minha presença no local e depois, com aspecto mais tranquilo com a

justificativa da participação. Elas me permitiram sentar na mesma mesa que elas e sentei no lado direito, respeitando a forma como elas estavam dispostas, sem atrapalhar a visão da festa para elas. Elas não paravam de olhar para o salão e comecei a conversar com uma senhora que estava mais próxima a mim sobre o baile, comentei o quanto era animado e o quanto eu estava adorando participar e questionei sobre a frequência dela nesses eventos, e ela me confirmou que participa toda semana, que só falta quando vai visitar o filho que mora em outra cidade. Pergunto também se todas que estavam na mesa já se conheciam, e ela me confirma, todas praticam hidroginástica juntas e combinam de se encontrar nas festas também. Questiono sobre a dança, se ela gosta e por que elas não estavam dançando, ela diz que não gosta muito de dançar, mas que vai ao baile para ouvir a banda tocar e para ver e admirar os casais dançando. Comento sobre a facilidade dos casais na pista de dança, e, na fala, ela me confirma que os rapazes mais jovens são dançarinos contratados através de uma frase que me chamou atenção “Tu acha que um jovem quer dançar com uma mulher de 70 anos de idade? Não, né? Aí tem que pagar”.

Os jovens que participam dos bailes são alunos de academia, instrutores ou professores de dança que vão aos bailes acompanhar suas “parceiras”, as idosas “alugam” esses rapazes e realizam contratos com valores altos, incluindo a entrada e consumação – comida e bebida- durante as 4 horas de baile.

Os dançarinos, como as participantes os intitulam, possuem uma boa aparência e capricham no visual. Sempre com muito estilo, vestidos com camisa e calça social, cabelos bem arrumados e barba feita. Eles possuem postura e se mostram muito educados, delicados e carinhosos com suas parceiras, percebo a gentileza, o cuidado e a atenção com que eles as tratam.

Continuando a conversa, pergunto se ela já tinha feito alguma vez o contrato com os dançarinos, ela nega, dizendo que os dançarinos são pagos, que o valor é muito alto e que prefere só olhar. Questionei sobre a idade dela, e ela me responde colocando a mão na têmpora, apontando para a cabeça e depois para o lado esquerdo do tórax e diz: “Idade são números, o mais importante é a idade da nossa cabeça e da alma”. Neste momento, sinto alguém tocar meu ombro, era um senhor com aparência de 70 anos me convidando para dançar, neguei o convite, ele insistiu

e houve mais uma negação minha, ele partiu para a senhora que estava ao meu lado, conversando comigo, e ela também negou o convite. Mas ele não desistiu e, ao terceiro convite, aceitaram dançar com ele, e ele, muito educado, levou a dama para o salão e dançaram abraçados um bolero.

Continuando a conversa, a senhora ao meu lado responde a todas as minhas perguntas, mas não tira atenção da pista de dança. Ela me fala sobre uma participante de 94 anos de idade e quase 20 anos em participações nos bailes e me aponta para uma senhora sentada poucas mesas de distância, de cabelos brancos, com vestido azul claro, sentada à mesa e acompanhada, de mãos dadas, com um jovem muito bem vestido com um blazer e muito sorridente. Ela comenta que aquela senhora frequenta os bailes duas vezes por mês, hoje ela não dança mais, mas sempre vai acompanhada de seu parceiro de contrato. Despeço-me dela, vou em direção à senhora de 94 anos e tento conversar, mas ela não aceita, insisto em perguntar sobre a trajetória dela nos bailes, e ela não aceitou. Desisti de falar com ela depois que ela disse “Você está me atrapalhando, não consigo prestar atenção na festa”.

Realizei 10 visitas em dois locais diferentes, mas as configurações das festas eram semelhantes. Salões amplos, mesma banda, disposição das mesas e dos participantes também, porém, no outro local visitado, percebi outra forma de contrato com os dançarinos. Na verdade, não existe contrato, e sim o pagamento para o dançarino, que era feito por música, por dança. No Rio de Janeiro, segundo Alves (2004), esse tipo de baile se chama de Baile de Ficha. O objetivo do baile de ficha é oferecer às alunas oportunidade de praticar a dança fora da academia, mas qualquer mulher pode participar desde que pague a entrada e, no início da festa, compre as fichas para dançar com os instrutores que ficam à disposição no salão. Cada ficha dá direito a uma dança, em torno de 3 minutos. Já em Fortaleza, não existe o pagamento antecipado das fichas, o pagamento é feito ao próprio dançarino após cada dança, conforme uma frequentadora me explicou. Era a primeira vez que ela participava desse baile, foi a convite de uma amiga e estava sentada à mesa quando um dançarino a convidou para dançar, e ela me relatou que ficou super vaidosa com o convite, aceitou e foi dançar. Quando terminou a música, ele cordialmente voltou à mesa, deixou a senhora no local de origem e permaneceu parado próximo a ela. Ela sem entender, questionou a amiga o motivo de ainda estar

ao seu lado, e a amiga diz que ele estava esperando o pagamento da dança. Ela me conta esse fato com muitas risadas e termina com a frase: “Eu crente que ele tinha me chamado pra dançar por que tinha me achado bonita, risos, ele só queria o dinheiro”.

No caso relatado, o dançarino fez a abordagem, mas percebi também as senhoras abordando e convidando os dançarinos para dançar. Eles sempre estavam dispostos no salão e entre as mesas, e elas faziam a escolha. Acompanhei uma senhora se aproximando do dançarino e ela sinaliza com a mão estendida que quer dançar, e ele a segura e a acompanha até o salão e dançam e ao terminar a música ela discretamente entrega o dinheiro ao rapaz e retorna a mesa. Aproximo-me e tento falar com ela, identifico-me e questiono qual o critério usou para escolher aquele rapaz para dançar, ela me responde que ele era o mais habilidoso para dançar e já o conhecia de outros bailes.

Em todos os bailes que participei, percebi que a banda começa a tocar músicas mais lentas, como o bolero, soltinho e depois ritmos mais rápidos e elaborados, como forró, salsa e samba. Não existem interrupções, são 4h seguidas de muita música e dança.

No momento em que a banda começa a tocar músicas mais agitadas, como uma salsa, as danças começam a ficar mais apimentadas, corpos colados um ao outro, olhares intensos, performances mais “calientes”, percebo como espectadora. Este é o momento em que o salão é tomado por vários casais com passos marcados, rodopios, cambrés e sensualidade, atraindo vários olhares atentos e aplausos. Percebo como o momento auge do baile.

Nos bailes, consagra-se um tipo de corpo ideal, aquele que pode ser admirado pela destreza e habilidade de realizar os movimentos corretos e sincronizados e ser fisicamente atraente para os olhares dos outros (Alves, 2004).

Durante as visitas, pude perceber a riqueza desse mundo, onde mulheres idosas têm espaço, visibilidade e sentido na sociedade atual.

Não foi possível realizar as entrevistas mais formais dentro dos bailes, pois tive dificuldade de acesso, espaço e tempo para conversar com essas mulheres.

Elas não tinham muita disponibilidade de tempo e vontade para responder às perguntas, então consegui contato de algumas participantes e marquei em outro local para uma conversa mais tranquila. No próximo tópico, apresento as interlocutoras que aceitaram participar da entrevista e me permitiram conhecer um pouco sobre a vida delas, a participação nos bailes e suas percepções sobre alguns aspectos desse mundo social.

Utilizo, nos títulos, trechos de músicas para fazer uma conexão com o mundo da dança e dos bailes, peças fundamentais para a união dessa parte da sociedade.

4.2 Quem és tu? Rainha do baile

Encontrei uma grande dificuldade de me aproximar das interlocutoras, pois elas estavam sempre acompanhadas ou dançando e, devido ao som alto da banda, preferi encontrá-las em um local mais calmo para realizar as entrevistas. Marquei alguns dias depois do primeiro contato com elas no baile, na Praça dos Estressados, na Beira-mar, e no café localizado no Centro Cultural Dragão do Mar, onde pude ouvi-las narrar a história de vida delas, suas percepções sobre o envelhecimento e suas experiências com a dança.

Realizei, ao total, 6 entrevistas com mulheres que participam dos bailes de contrato ou de ficha. Todas frequentam periodicamente o local escolhido para realizar a pesquisa. Além das visitas e da participação nos bailes, escolhi realizar as entrevistas para melhor compreender a vivência destas mulheres nesta fase da vida e pude explorar temas relevantes para entender mais sobre o universo delas, como elas envelhecem na contemporaneidade, e abordar assuntos como gênero, modos de vida, sexualidade, participação nos bailes e contrato com os dançarinos de aluguel.

Vamos à apresentação das interlocutoras da pesquisa, não utilizarei nomes verdadeiros a fim de preservar a identidade das participantes.

A primeira interlocutora foi Participante 1, 66 anos, branca, classe alta, formada em Enfermagem e em Direito. Atua em um Hospital Infantil da cidade e não pensa em se aposentar. Possui um jeito espontâneo e alegre de ser, adora usar roupas coloridas. Divorciada há sete anos, relata que ainda não esqueceu o marido, mas que, para dar um “up” na vida, namorou um jovem surfista. Frequenta os bailes há 10 anos, inicialmente, com o ex-marido e, depois, com as amigas.

A segunda participante foi Participante 2, 60 anos, parda, classe média, autônoma, trabalha com vendas, ensino médio concluído, casada. Começou a frequentar os bailes por intermédio das amigas, pois o esposo prefere ficar em casa. Relata várias vezes sobre a influência da menopausa e dos níveis hormonais na vida das mulheres.

A terceira interlocutora, Participante 3, 61 anos, parda, classe média, casada, sempre cuidou da casa, do marido e dos filhos, a mais animada de todas as entrevistadas. Adora participar dos bailes, mas faz várias queixas em relação aos preços altos dos dançarinos de contrato e, hoje em dia, só dança sozinha, como ela diz “só danço solta”.

A quarta entrevistada foi a Participante 4, 66 anos, parda, classe média, aposentada, mas continua trabalhando como revendedora, casada, iniciou a ida aos bailes depois de participar de uma festa temática dos anos 60 e nunca mais parou, mesmo com as críticas do marido. A participante afirma utilizar, como justificativa para o marido, a importância de realizar uma atividade física por indicação médica.

A quinta entrevistada, Participante 5, 71 anos, negra, classe alta, casada há 56 anos, trabalha com artesanato e culinária, adora participar dos bailes e fala sobre a solidão e a depressão na velhice e a importância de participar de grupos de sociabilidade para enfrentar esta fase.

E, por último, Participante 6, branca, classe alta, 71 anos, aposentada, viúva há 21 anos, mora sozinha, não quer outro relacionamento e adora dançar com Robson, seu dançarino de contrato.

Ao total foram feitas seis entrevistas, cada uma com sua particularidade, idade, subjetividade, modos de vida e experiências vividas, proporcionando contribuições expressivas a esta pesquisa. Destaco as falas mais significativas das participantes seguidas das análises de seus discursos. Os seguintes temas foram construídos a partir das falas das interlocutoras (1- Envelhecer na nossa sociedade; 2- Envelhecer para o homem e para a mulher; 3- Participação nos bailes de dança; 4- Contratos com os dançarinos; 5- Sexualidade na mulher idosa.).

4.3 A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer

Utilizei uma frase da música de Arnaldo Antunes para título desta categoria para relacionar o tema envelhecer com a modernidade, período em que ocorreu a entrada do homem na história e uma proliferação dos campos da verdade sobre o corpo humano, enfocados sobre os mais diversos saberes emergentes: medicina, biologia, antropologia, ciências sociais, direito, psicologia, política, entre outros. Foi a partir da modernidade que o corpo começou a ser discursivamente vasculhado, definido e explorado, passando a ocupar lugar privilegiado nas pesquisas (Silveira, 2008).

Vários fatores permitiram o aumento da longevidade e conseqüentemente o aumento do número de idosos, não só no Brasil, como em todo mundo. Aos poucos, essa parte da população assume um lugar de importância e destaque na sociedade. Superando estereótipos e mudando a visão de que ser velho é sinônimo de ser incapaz.

Para algumas entrevistadas, a palavra envelhecer não existe em seus dicionários. Muitas não se veem nessa fase de vida e relatam grande satisfação com a saúde, memória, vínculos de amizade, bem-estar físico e emocional. Segundo Fisher (2005), a satisfação com a vida está registrada na literatura como precursora do envelhecimento bem sucedido e é influenciada pela condição de saúde, pelo nível de atividade física e ocorrência da morbimortalidade. As entrevistadas relataram alto grau de satisfação com a idade e suas condições de vida:

Não tenho nada a reclamar da velhice, com a minha idade, me sinto como uma menina de 18 anos, tenho um espírito jovem, jovem mesmo. Adoro brincar, dançar e me divertir. Vejo muitos amigos da mesma idade muito satisfeitos com a vida. (Participante 5)

Envelhecer pra mim, eu não vi nem passar a idade, eu sempre curti, sempre fui muito nova sempre gostei da praia sempre gostei de piscina, carnaval sempre gostei dessa parte social de diversão, sempre estudei, não vi a idade passar, nem sei o que é menopausa, hoje eu me sinto com uma idade de 40 anos. Eu me acho nova, não quero me aposentar agora. Minha idade

genética é uma e meu fenótipo é a idade que você me dá.
(Participante 1)

Eu tenho saúde até demais, mas ainda vou começar a terceira idade. Eu danço, passeio, me divirto. Não me troco por 3 de 20 e nem por 6 de 10. Eu sou mais eu. (Participante 3)

Através das falas das participantes, fica evidente um grande entusiasmo, altos níveis de satisfação e prazer em viver este momento da vida. Segundo Debert (2003), nas últimas décadas, têm-se criado novas perspectivas identitárias, passando a velhice a apresentar-se como um momento de realização pessoal e lazer, criando assim novas representações do ser velho, resignificando suas identificações, seus comportamentos e modos de pensar e viver.

Segundo Pires (2003), a velhice é um momento em que a mulher é liberada dos papéis sociais próprios das etapas anteriores da vida e é um período em que essas mulheres podem, enfim, se dedicar à realização pessoal. Porém, neste momento, um conjunto de normas e prescrições são acionados com o envelhecimento. Padrões impostos pela sociedade entram em jogo, ditando como se comportar, agir, vestir, divertir e viver.

Essa identidade nova e positiva para a velhice pode ser estimulada pelo modelo normativo de velhice saudável imposto pela sociedade, em que há estímulos para prática de hábitos, modos de vida e linguagem que diminuem a associação entre velhice e os sinais estigmatizantes, como a doença, o declínio, ocultando, assim, o processo de envelhecer. Através das falas, podemos verificar uma dicotomia em relação ao tema envelhecer, uma diferença entre a aceitação e a negação. Todas as interlocutoras, apesar da satisfação com a época de vida, apresentaram uma negação da velhice e demonstraram que a idade só são números, o corpo é velho, mas a cabeça e o espírito são jovens.

Motta (2006) afirma que é difícil se reconhecer como velho, pois a velhice é associada a termos negativos, como decadência, doença, dependência e inutilidade, e não a termos positivos, como experiência e sabedoria. Segundo Debert (2007), o termo velho vem associado a uma série de estereótipos, como acomodado, o velho vive reclamando da vida, só pensa em dormir e comer. Idosos com saúde e ativos

se reconhecem participantes da sociedade e do cotidiano, porém não se sentem velhos. A velhice existe, mas ainda não chegou nelas.

Todavia, sujeitos pertencentes ao mesmo grupo etário se adaptam, lidam diferentemente com as experiências comuns do envelhecimento. Pois, segundo Rowe e Kahn (1997), o processo do envelhecimento é dito como heterogêneo e pode variar de acordo com as mudanças físicas, sociais e psicológicas dos indivíduos. Mendonça e Col (2008) mostram que nem todos os idosos vivem o processo do envelhecimento da mesma forma. O autor coloca que não existe uma velhice só, e sim a velhice que o tempo de cada um faz, influenciada por vários fatores, como gênero, classe social, família, sociedade, entre outros.

Definições, discussões e percepções em relação ao envelhecimento variam conforme o tempo histórico, as culturas e subculturas, classe social, história de vida pessoal, condições de vida, educação, gênero, profissão, etnias e trajetórias de vida individual e de grupo (Neri, 1991).

Podemos identificar, na fala das outras entrevistadas, uma velhice triste, associada a perdas e doenças.

Isso dói muito.[...] A menopausa traz muita tristeza, pessoas ficam bem baquiadas, e com a idade muitas vezes a família despreza. (Participante 2)

Pra mim não gostei de envelhecer, porque veio com muitos problemas, doença, pressão alta, epicondilite, menopausa, tenho que ser ativa senão caiu no buraco. (Participante 4)

Apesar das queixas em relação aos efeitos do envelhecimento, a interlocutora Participante 4 mostra sinais de enfrentamento e consegue lidar satisfatoriamente com os problemas advindos do envelhecimento. Ela sente capaz de influenciar e melhorar sua situação de vida atual através de uma escolha e de uma luta para se manter saudável e jovem. Ryff (1998) caracteriza esse enfrentamento como a capacidade do indivíduo de manter-se bem, recuperar-se frente às adversidades. Esse processo engloba características intrínsecas (autoestima e autoeficácia) como

também fatores externos como fatores sociais, apoio social e familiar (Hardy et al, 2004). Destaco a frase da entrevistada a seguir:

[...] Eu gostava muito de dormir, mas agora sou obrigada a fazer uma atividade, a acordar cedo. Comecei a frequentar as danças por indicação médica, porque eu precisava fazer uma atividade. (Participante 4)

Uma fala chamou atenção em relação ao abandono dos pais pelos filhos.

Hoje em dia eu tô achando muito sacrificado, porque os filhos não querem cuidar dos pais, hoje muitos filhos negam, mesmo os pais sendo muitos bons e os filhos não reconhecem. Envelhecer é muito doloroso. Muitos filhos tratam os idosos como animais, são muito perversos, muito desprezo. (Participante 2).

O discurso da Participante 2 corrobora a pesquisa realizada por Evandrou e Victor (1989), que mostra que o fato de os idosos viverem com os filhos não é garantia de presença, respeito e prestígio e nem da ausência de maus-tratos. A maioria dos casos de violência são devido a diferentes gerações vivendo em um mesmo ambiente. Então, lares plurigeracionais não podem ser visto como garantia de uma velhice bem sucedida (Debert, 1999).

Para a única viúva das entrevistadas, a viuvez e a velhice são sinônimos de liberdade. Período em que a mulher alcança uma posição mais livre, com autonomia e independência, saindo do aprisionamento imposto pelas regulações sociais.

Para as mulheres, o envelhecimento significa a passagem de uma vida cheia de regras e imposições para outra em que se sentem livres e impelidas a criar as próprias regras. Isso é possível devido ao próprio envelhecimento e ao processo de perdas. A liberdade, autonomia e independência nesta fase dão à vida da mulher idosa uma nova dimensão ao bem-estar físico e mental (Debert, 2007).

Essas mulheres eram vítimas da opressão dos pais e do controle da sociedade desde a juventude e viam nas mães e avós um período de envelhecimento sombrio, marcado por aprisionamento em casa e dependência dos filhos e netos. Hoje, esse modelo opressor deu espaço à liberdade e à redefinição

do envelhecimento feminino. Foi produzido um espaço para essas mulheres criarem novas regras de vida e formas e estilo de viver.

Sou viúva há 21 anos, moro sozinha e tenho empregada e desde que meu marido morreu não piso na cozinha. Ninguém manda mais em mim. Eu quero é me divertir. (Participante 6)

A participante divorciada e a viúva não recasaram e relataram não querer outro companheiro, apesar de haver interessados, emerge nas falas o medo da perda da liberdade e da autonomia vivenciadas:

Deus me livre alguém mandando em mim. Outra chinela debaixo da minha cama? Tô fora! (Participante 6)

Não namorei ninguém, porque eu amo ainda meu marido, não vale a pena. [...] Tu pensa que tem gente novo querendo namorar comigo, tem um monte. Já namorei um gatão, surfista, pra esquecer o marido, mas depois dei um “time”, foi só pra dar um “up”. (Participante 1)

Outra questão em relação ao envelhecimento foi a percepção dos idosos de como a sociedade vê esta parcela da população que envelhece.

Muita gente não espera nada do idoso. Aqui tem as rodas de idosos divididos por profissão geólogo, psicólogo, engenheiro, grupos heterogêneo, mas muito versátil. Tem um de 90 anos que faz caminhada todos os dias ele papeia e toma informações sobre a vida dele é a coisa mais linda do mundo. [...] Os grupos elitizados a sociedade dá valor, os grupos pobres vão pra casa de idosos, ainda não está muito assistido. Aqui temos projetos sociais para os idosos mais simples, tem os bombeiros e o pessoal do SESC faz atividades para idosos. E a gente se junta com eles, a gente dança se diverte, a gente interage, gosto de conversar com eles. Pessoal da comunidade é mais coeso. (Participante 1)

Devido ao aumento do número de idosos no país, eles se tornaram sujeitos possíveis para a sociedade e mais visíveis para o estado. Segundo Debert (1999), hoje o idoso se torna protagonista nos debates de políticas públicas, nas definições de novos mercados de consumo e nas formas de lazer. Essa visibilidade

conquistada gerou uma série de iniciativas dos governantes e de organizações privadas visando a um envelhecimento com uma melhor qualidade de vida, à criação de espaços destinados a esta população e a atividades para ocupar o tempo livre dos idosos de forma construtiva. Destaco trechos das entrevistas realizadas que abordam essas mudanças sociais e a diversidade de atividades e espaços destinados a esta população.

Sociedade está considerando mais os idosos, existem os grupos de viagem que eles aproveitam mesmo. Turma de idosos que vão... Idosos não, melhor idade, porque quando a gente fala idoso parece que já está nas últimas, é não gente, povo é muito ignorante. Mas hoje tem muitas atividades para o idoso, não se compara como antigamente, como os bailes, espaços na beira mar. Para levantar o astral, para se animar. (Participante 2)

Os idosos que não estão doentes ou deprimidos não se consideram velhos, não é o avanço da idade que marca as etapas mais significativas da vida, a velhice é, antes, um processo contínuo de reconstrução. Através das falas das entrevistadas, percebemos esse reconhecimento do valor do idoso para a sociedade, como se o senso comum estivesse reconhecendo a individualidade da experiência humana (Debert, 1999).

O olhar da sociedade em relação ao idoso aos poucos vai se tornando diferente, com o aumento do número de idosos e a ocupação em todas as áreas da sociedade, existe uma revisão de ideias de que a população participe de um processo de intensificação dos mecanismos de controle que tem como base a idade cronológica, um reconhecimento e maior respeito, e que a velhice pode deixar de ser um problema.

Problema social do idoso é igual, todo mundo envelhece, mas as pessoas estão respeitando mais o idoso, a visão da sociedade em relação ao idoso está mudando. Existem mais espaços para os idosos, como essa pracinha, esse cantinho pra gente. (Participante 3)

A sociedade espera dos idosos: que eles vivam muito mais e que tenha qualidade. Hoje eu vejo os idosos vivendo mais, antes morria com 40, 55 anos no máximo e hoje vejo muitos de 90 durona, com saúde. (Participante 4)

Muitos idosos estão satisfeitos com a vida e a sociedade só espera que eles vivam mais, espera muita coisa boa dos idosos. (Participante 5)

Idoso deve ser integrado na sociedade. Idoso é competente, eficiente e capaz de fazer tudo. Uma pessoa de conhecimento e flexibilidade, já tentei me aposentar três vezes e minha chefe não deixa, porque eu tenho muito conhecimento na minha área. (Participante 1)

Muitos autores falam sobre a “ressignificação” da velhice e sobre a busca de visibilidade da existência dos idosos, que ativamente pensam, sonham e desejam. Além do envelhecimento, os idosos carregam mudanças trazidas pela vida e modos de viver melhor, sem medo, buscando conviver com as perdas, sejam elas físicas, sensoriais, emocionais ou de pessoas próximas. A velhice precisa deixar de ser uma experiência solitária, silenciosa e invisível. É preciso colocá-la em discussão permitindo que o idoso participe do mundo.

4.4 Que diferença da mulher o homem tem?

Nicholson (2000), Louro (2000) e Meyer (2003) salientam que o conceito de gênero rompe com o determinismo biológico e contestam as noções essencialistas de homem e mulher, focando nas diversas possibilidades de se viver a feminilidade e a masculinidade. Essa multiplicidade é devido à estreita relação que se estabelece entre gênero e os outros marcadores sociais, como sexualidade, classe social e idade. Gênero é um dos fatores envolvidos na diversidade e na heterogeneidade em relação à velhice. Os grupos de idosos em suas formas de organização, funcionamento e modos de viver se encontram atravessados por esse processo, em que se desenvolvem certas pedagogias sociais (Alvarenga, 2008).

Motta (2006) afirma que a velhice atinge de formas diferentes o homem e a mulher. Esse modo de viver é diferenciado pelo contexto social, modo relacional, por onde eles tecem a subjetividade e delimitam caminhos de vida dessas pessoas envelhecidas (Fernandes e Garcia, 2010).

A construção do gênero e da sexualidade se dá através de inúmeras aprendizagens e práticas sociais e culturais. Consiste em um processo minucioso com orientações, ensinamentos e imposições da sociedade. Esse controle advém da família, escola, igreja, instituições legais e médicas, mídia e publicidade. Segundo Louro (2008), vivemos mergulhados em conceitos, controles e censuras nem sempre coerentes, mas espalhados por todos os lugares, constituindo como uma pedagogia social e cultural.

Para Attias-Donfundt (2004) a liberdade geracional vivenciada pelas mulheres idosas acontece devido aos controles sociais sobre elas serem mais “afrouxados”, principalmente em relação à capacidade reprodutiva. Com o fim das relações profissionais e familiares, ocorre a liberação de normas comportamentais sexuadas, com isso, a mulher idosa dispõe de mais tempo livre, autonomia para dar prioridade ao seu crescimento pessoal e ao desempenho de atividades de interesse próprio.

Sob esse viés, busco discutir a diferença entre envelhecer para o homem e para a mulher segundo nossas interlocutoras.

Me comparando com meu marido ele não se cuida. Eu digo: tem que pintar o cabelo, ajeitar os dentes e ele responde: eu não me importo mais com isso, já estou ficando velho, preciso disso não. (Participante 2)

Para os homens, a aposentadoria marca um processo de desengajamento à medida que ocorre a diminuição dos relacionamentos sociais e altera os que permanecem. Ocorre um abandono dos papéis centrais da vida, caracterizando uma passagem de um mundo amplo e público para um mundo doméstico e restrito. Para a mulher, a velhice não traz essa carga de mudanças repentinas, pois ela já se encontra socialmente e ideologicamente vinculada ao mundo interno do lar, família e casa (Barros, 2009).

Através do relato da entrevistada a seguir, podemos notar uma percepção de envelhecimento masculino mais recluso, restrito, com menos envolvimento com o meio social, se comparado a outros períodos de vida.

Vejo uma turma de homem se acabrinhando e as mulheres se divertindo só, mesmo com os hormônios da mulher, porque eles baixam mais do que os homens. Homem prefere ficar em casa, dormindo. E a mulher vai pra barzinho, para os bailes e o esposo fica em casa dormindo. É difícil se ver uma turma de melhor idade de homens, normalmente é só de mulher. Onde você chega só tem mulher.” (Participante 6)

Percebemos, através dos relatos, que, mesmo as mulheres tendo passado por uma vida cheia de restrições sociais, trabalhistas e sexuais, se comparada aos homens da mesma geração, os resultados no processo de envelhecimento tomaram trajetórias diferentes. A vida conduziu a mulher idosa para um estilo de vida mais independente, ocupando espaços na sociedade, com mais escolhas e autonomia, e os homens com sentimento de inutilidade e fragilidade, para situação do não trabalho e do processo de envelhecimento.

Grande parte das mulheres idosas considera essa etapa da vida como tempo de consolidação de experiências, libertação das obrigações domésticas e do controle reprodutivo, tempo propício a mudanças, podendo vivenciar novas experiências e modos de vida (Motta, 2012).

Em seus estudos, Debert (1994) cita Keith (1990), que considera que a mulher está mais habituada a modificações drásticas no organismo, devido à gravidez, à lactância e à menstruação, com isso, elas possuem mecanismos de enfrentamento das alterações advindas do envelhecimento, diferentemente dos homens.

Já os homens sempre gozaram de uma real liberdade, tinham direito de ir e vir, vivência nas ruas, vida pública, política, tinham liberdade social, emocional e sexual, e o envelhecimento vem como tempo de descanso e de desfrutar o lazer (Debert, 1994; Souza, Pontes & Rocha, 1994).

Percebo, através das leituras e das entrevistas, que as mulheres envelhecem para viver a liberdade, a autonomia e a independência, e os homens envelhecem para descansar de uma vida cheia de compromissos públicos, de liberdade e de trabalho.

Outro ponto importante que percebemos nas entrevistas realizadas é a importância e os cuidados das mulheres com o corpo e a aparência. O corpo é um meio de demonstrar a capacidade de escolha e de se encaixar em um código de beleza e saúde socialmente aceito e aprovado.

Através das perspectivas culturais, o envelhecimento atua na deformação do corpo, e a sociedade determina as características do corpo ideal, tornando-o um modelo desejado pelas as mulheres. Um corpo jovem, belo, sexy, magro, sem marcas, em boa forma, que seja superior àquele que possui (Goldenberg, 2011).

Com as regras impostas, surgem as estratégias para não permitir o avanço dos fatores do envelhecimento. Ações na “plastificação” do corpo através de cirurgias plásticas, uso abusivo de cosméticos e fármacos, exercícios físicos, alimentação e outras tecnologias para manter o corpo em forma, mesmo sendo conquistados com intervenções e sacrifícios (Alvarenga, 2008).

O que interessa analisar neste momento é que é a estética, mais que a racionalidade médica e seus modelos (normalidade/patologia ou vitalidade/energia) o critério sociocultural de enquadramento dos sujeitos para determinar se realmente são “saudáveis”, ou se precisam exercer alguma

“atividade de saúde”, através do estabelecimento de padrões rígidos de forma física (Luz, 2003, p.104)

Segundo estatísticas da Sociedade Americana de Cirurgia Plástica Estética (2014), 9,7% dos pacientes que realizaram cirurgia plástica em 2013 tinham mais de 65 anos. Um artigo publicado no New York Times indica que a cirurgia plástica pode ser benéfica para idosos que desejam melhorar sua autoestima – um cirurgião ouvido pela reportagem indicou um aumento constante de pacientes com mais de 70 anos e afirmou que estas pessoas são saudáveis e querem se manter socialmente ativas. "Essas pessoas já criaram seus filhos, possuem uma situação econômica estável e procuram, por meio de pequenos procedimentos, uma melhora em sua autoestima e qualidade de vida", afirma o cirurgião entrevistado.

Segundo Motta (2012), a cirurgia mais procurada pelas mulheres idosas é a redução da flacidez facial, como correção das pálpebras, ao contrário do que muitos pensam que seja a correção de mamas e implantes de silicone. Ou seja, elas priorizam melhorar o que está à mostra, que é o rosto.

Para as mulheres idosas, a exigência é manter-se mais jovem por mais tempo, disfarçar as marcas da idade pela aparência. Muitas, com o envelhecimento, vivenciam a liberdade social e emocional, porém mantêm-se no controle do corpo perfeito e aceito pela sociedade, tendo, muitas vezes, o corpo mutilado ou vivendo na escuridão para esconder as imperfeições e marcas do envelhecimento para não se sentirem repulsas dos padrões estéticos.

Algumas entrevistadas classificam a prática da dança de salão como uma atividade física para se manterem ativas e com saúde, mas não deixando a vaidade de lado.

Fui a uma festa dos anos 60 e foi muito bom, eu gosto muito de dançar. E eu vou toda bonitinha, adoro me maquiar. Lembrando do tempo que eu era novinha, cocotinha. (Participante 4)

Tenho vitamina D, meus ossos são fortalecidos, a beira mar é minha calçada, meu jardim, minha pracinha, vou todo santo dia fazer caminhada, e aqui a gente se conhece, senta pra conversar, tomar guaraná. (Participante 5)

Esses sujeitos foram interpelados, durante toda a vida, por vários discursos que produziam e controlavam a imagem de seus corpos, resultante das relações de poder e conflitos, em que algumas representações foram assumidas e outras descartadas, algumas práticas foram aceitas e outras mantidas ou abandonadas. O corpo do idoso de hoje é resultante de muitas regras e marcas sociais que eles experimentaram e viveram em várias instituições e práticas sociais (Alvarenga, 2008).

A mulher é muito mais vaidosa, e se cuida mais em comparação aos homens, a mulher luta mais. Me comparando com meu marido ele não se cuida. (Participante 2)

Ao contrário do relato da entrevistada, cada vez, mais as práticas de saúde e beleza envolvem os homens, em um percentual bem mais baixo em comparação à população feminina, que, historicamente, envelhece nos salões de beleza, academias, grupos da terceira idade, locais destinados a culto ao corpo e à beleza.

Segundo Motta (2012), os homens idosos também rejuvenescem mais, eles também se embelezam e se cuidam através das atividades esportivas, profissionais e sexuais. A autora ressalta a reportagem na mídia com título “Chegou a vez dos homens” e os novos modelos masculinos de ser velho.

4.5 Nos bailes da vida

O baile é um espaço de reafirmação do idoso como indivíduos em oposição a outras relações sociais. O baile marca uma tomada de posição diante da situação social em que o mesmo se encontra, a partir daí, o cotidiano dos idosos passa a incluir também novas amizades, passeios, relacionamentos, entre outros.

Nas falas, pode-se perceber que a decisão para início da prática da dança é decorrente dos benefícios que esta proporciona à saúde física, autoestima, além do lazer e prazer de dançar. Elas se referem à prática da dança como algo que lhes resgatou um sentido na vida, que havia perdido com a viuvez, separação, doença ou aposentadoria.

Bom é ter mais lazer, ter festa pra dançar, sorrir. Eu danço riu, saio, me divirto. Vou pelo prazer de dançar e pela animação, alegria, isso me faz viver melhor, mais disposição. (Participante 6)

A menopausa traz muita tristeza, pessoas ficam bem baquiadas, e com a idade muitas vezes a família despreza, ao invés de ficar em casa eu faço uma atividade fora de casa, saí pra dançar, sorrir, se divertir, me faz tão bem. (Participante 2)

Tenho que ser ativa [...] Comecei a frequentar as danças por indicação médica, porque eu precisava fazer uma atividade. (Participante 4)

Percebemos, nessas falas, evidências de um discurso médico para legitimar a prática da dança e sustentar uma verdade para justificar a participação das mulheres nos bailes. Com essa observação, segundo Foucault (2004), existe uma relação estreita sobre o poder e o conhecimento dentro da coletividade. O discurso que ordena a sociedade é sempre daquele que detém a relação saber-poder. Podemos determinar que o saber médico domina ideologicamente, influenciando o comportamento dessas mulheres.

Segundo Prado *et al* (2011), a partir do momento que o indivíduo tem consciência de que a sociedade constrói o discurso pelo qual ele é dominado, este

pode passar a ter voz ativa sobre suas ações, mas não significa que ele terá total liberdade sobre os modos de agir e pensar, mas ele tem a consciência do que se passa ao seu redor e poderá questionar a verdade.

“A educação pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabemos no entanto que, na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo. (Foucault, 2004, p. 12)

Através das falas, as idosas mostram que são criticadas por participarem dos bailes e realizarem os contratos com os dançarinos, mas isso não as impede de participar e nem mudam a percepção e a relação delas com a dança.

Tem gente que critica quem participa, “essa veia era pra ficar quieta”, mas não sabe eles é faz bem pra saúde. (Participante 5)

Meu marido critica “essas veias tudo nesse canto ai, tudo se balançando pra mostrar a bunda mole” ele é calado, mas ele sempre reclama. O marido fica com ciúme, mas ele tem que aceitar. (Participante 3)

Já outras entrevistadas falam do suporte da família e do incentivo à participação delas nos eventos sociais. Segundo Ávila e Guerra (2007), as pessoas que apresentam maior satisfação com a vida são aquelas que recebem mais suporte afetivo. As relações sociais e o suporte social são de grande importância em todos os momentos da vida, principalmente na velhice, em que há mudanças de metas, objetivos e motivações, sendo importante o papel do suporte social e bem-estar do idoso.

Minha filha me apoia na dança. Não reclama não, ela vê o quanto gosto de me divertir. Já o marido fica com ciúme, mas ele tem que aceitar, ele não quer ir comigo. (Participante 4)

Meus filhos sabem que eu danço e apoiam, e se eles não gostassem eu iria do mesmo jeito. (Participante 6)

Ando sempre com minha filha, como se fosse uma menina de 20, ela é minha filha, minha amiga, estou sempre presente nos eventos que ela está, sou muito animada, só ando com cores vivas, alegres e divertidas. (Participante 1)

Entretanto, Motta (2012) discute a juvenilização das idades, em que idosos mantêm hábitos *teen*, ou seja, mesmo gostos e hábitos da geração dos seus filhos, de quem são frequentes companheiros de saídas. Já Kehl (2004) sugere um conflito entre as gerações, para que seja definido o que é ser adolescente, jovem e adulto.

Freitas (2000) revela que as mulheres estão adotando um novo posicionamento diante da velhice, elas estão procurando diversão, namoro, novas amizades, afastando-se dos estereótipos clássicos sobre o envelhecimento.

Não sei nem o que é tricô, minha família respeita a minha individualidade, eu fico com meus netos no dia que eu quero. Moro com minha filha, mas ela não fala nada sobre minhas saídas. Ela sempre diz: deixe ela viver, deixa ela ser feliz (Participante 1)

Uns pensam que eu vou pro baile pra me mostrar, mas são ignorante, tudo burro, porque me faz muito bem e pra saúde também. (Participante 4)

Outro ponto que identifiquei nas idas aos bailes foi uma pequena presença de homens idosos solteiros nos bailes, segundo Alves (2004), as mulheres participantes dos bailes no Rio de Janeiro não parecem se interessar pelos homens mais velhos, nem como parceiros de dança. Isso também ocorre em Fortaleza, os homens permaneciam sozinhos durante a festa, faziam convites para dançar, mas recebiam muitas respostas negativas. Muitas mulheres já chegavam com seu dançarino contratado, diminuindo as chances de aproximação dos homens idosos. Os casais de idosos que participam dos bailes já são namorados ou casados. Existe um desinteresse das participantes em fazer interação com os homens mais velhos, como relata uma participante:

Tem mulher que é preconceituosa que não quer dançar com idoso. Mas tem idoso que dança com idosos e acaba arranjando namorado e casa. Teve uma amiga minha que conheceu um na festa e casaram. Eles dançam tudo, fazem até curso. (Participante 5)

Percebemos que, nesses espaços, as mulheres idosas negam os homens mais velhos. A posição deles nos bailes é inferior. Ele não é uma escolha e, somente depois de muitos convites, é que consegue uma parceira para dançar. Ávila e Guerra (2007) cita Mercadante (1997) sobre as qualidades atribuídas aos idosos que definem o perfil identificatório, e essas características são estigmatizadas, geradas por uma ideologia da sociedade. O autor afirma que os idosos conhecem e compartilham dessa ideologia, que define o velho em geral. Ou seja, se o velho não sou eu, o velho é o outro. A percepção de si não corresponde à percepção que o grupo social possui.

4.6 Baila comigo

Em Fortaleza (CE), nos bailes da terceira idade, é comum alugar dançarinos. Como são poucos os homens, as senhoras muito animadas contratam jovens dançarinos para rodopiar a noite toda. Com disposição e tempo de sobra, a falta de companhia não poderia ser problema para essas vovós que não podem ouvir uma música e ficar paradas (g1.com, 2008).

Início este tópico com uma parte da reportagem do site G1.com intitulada como “Idosas contratam parceiros de dança em bailes de Fortaleza”. Ao pesquisar sobre o tema, observei muitas reportagens sobre a temática: mulheres que participam de bailes e fazem contrato com dançarinos para dançar na noite, especificamente em Fortaleza, mostrando o quanto o assunto é destaque na mídia e comentado na sociedade.

Desde 1994, Carlinhos Araújo, professor de dança, trabalha com o público chamado “terceira idade” nas Universidades sem fronteiras e na academia particular e percebeu que o público interessado era composto basicamente por mulheres, cerca de 95%. Esse percentual contribuía para a desistência das aulas, devido à falta de parceiros para dançar e para contornar esta situação. O proprietário, então, idealizou um grupo de dançarinos treinados para dançar com as mulheres, e, em 1995, foi criada a Cia. Baila Comigo de Dançarinos Profissionais, pioneira na cidade (Siqueira, 1998).

Os serviços de dançarinos de aluguel foram se espalhando na cidade, festas destinadas a mulheres já faziam parte da programação semanal dos bailes mais tradicionais e conhecidos da cidade. Os serviços foram se estendendo para eventos fechados, casamentos e aniversários. O sucesso foi tanto que um novo mercado surgiu, trazendo de volta os bailes de dança a dois aos clubes da cidade.

Além das aulas de dança, os dançarinos também participavam de aulas de etiqueta, marketing pessoal, postura e orientação psicológica. Eles eram preparados para atuar nas academias, bailes e festas (Siqueira, 1998).

Quando questionadas sobre os dançarinos e sobre os contratos, somente uma entrevistada relatou possuir contrato exclusivo e duas vezes por semana com um dançarino:

Participo do baile há 10 anos, não perco nenhum. Estou toda terça e sábado aqui, só quando acontece algo importante eu não venho. Desde 2006 frequento com um rapaz que conheci na academia e em 2011 vi o Dançarino 1 em um baile e o convidei para dançar e desde então não o largo por nada. (Participante 6)

Segundo informações colhidas no baile, hoje, a maioria dos contratos com os dançarinos são feitos individualmente com o próprio contratado, não havendo mais o vínculo com a academia. O dançarino e a mulher contratante que negociam valores e benefícios. Percebemos uma busca de autonomia por parte dos dançarinos para a realização do acordo e estreitamento das relações com as contratantes. Com isso, ocorre, muitas vezes, a exclusividade do parceiro, como relata uma entrevistada:

Os dançarinos já tem par certo, dançam bem e respeitam. Eles normalmente se conhecem nas escolas de dança e já começam a treinar lá [...] Elas tem como par de dança, tem que ter uma pessoa que dance a altura dela, alguém que dance bem como elas, elas não querem ensinar, elas querem dançar. (Participante 1)

Quando questionadas sobre os contratos realizados, elas enfatizam o bem-estar, a satisfação com a dança e o motivo que as levam a contratar os dançarinos profissionais.

Uma pessoa acostumada a dançar todo tipo de dança ela quer uma pessoa que saiba levar no ritmo que ela aprendeu então ela tem que pagar pra dançar. É a terapia delas. Igual na caminhada, eu estou caminhando e alguém iniciou agora, ela não pega o meu ritmo, porque eu já tenho meu pique. (Participante 2)

Percebemos, através das entrevistas, que essas mulheres estão se tornando protagonistas da ação. Segundo Alves (2004), elas estão exercendo o poder de

burlar a hierarquia imposta pela sociedade. Elas escolhem seus pares, aonde ir, o baile a ser frequentado e a música que querem dançar. Com isso, elas recriaram os bailes e as formas de escolher o parceiro de dança, seja através do contrato, seja através das fichas. Elas que pagam para que tudo aconteça, o baile e os contratos. Mas nada disso deve aparecer, tudo é feito de forma muito sutil, para que o encanto não acabe e não destrua o lúdico das relações homem e mulher, cavalheiro e dama. Assim, a ilusão é sempre mantida. O contrato é fechado previamente e não se comenta o assunto durante a festa.

Existem muitas polêmicas em torno dos contratos, principalmente nos praticantes de dança de salão. Para eles, o contrato realizado caracteriza a ruptura do lúdico e do lazer que a dança proporciona, passando a ser um interesse econômico entre os participantes. Conforme algumas entrevistadas relataram:

Eu nunca fiz contrato, eu não gosto deles, eles tomam muito espaço, porque eles cobram tudo. Vira um comércio. Você fica oprimida, você vai lá pra dançar e você tem que pagar. (Participante 3)

Os dançarinos são pagos. A relação deles é só dança, só interesse financeiro. (Participante 2)

Algumas participantes dos bailes relataram que nunca fizeram e que não pensam em fazer contrato com os dançarinos por frequentar com o marido e por acharem o preço alto, incluindo contrato, entrada e consumação.

Vou com meu marido para os bailes. Eu tenho uma amiga que paga pra dançar, mas eu não acho muito bom não. (Participante 1)

Eu danço no Náutico, Mercado dos Pinhões e Círculo Militar, mas eu gosto de dançar solta, não gosto de dançar com os rapaizinhos. Eles são caros. E a entrada aumentou muito. (Participante 3)

Já outras entrevistadas e defensoras da prática dos contratos exaltam que as mulheres mais velhas querem dançar, divertir-se, praticar as danças e não têm com quem fazê-lo, a não ser que paguem por isso.

Os contratos é só pra quem tem condições, modo de lazer, às vezes elas são solitárias, não tem mais marido, não recrimino. Deixa elas viverem. (Participante 4)

Eu não faço contrato e não vejo mal das mulheres que fazem, porque tem muitos idosos que são sozinhos, que sofrem, que tem dificuldade de amizade, que precisam de companhia para se divertir e isso é muito bom pra elas, se eu fosse viúva eu fazia esses contratos numa boa. (Participante 5)

A interlocutora que realiza contrato com dançarino comenta sobre a forma de escolha do rapaz e sobre o tempo que dança com ele.

Gostei do jeito dele dançar, além da beleza dele. Em uma festa eu chamei ele e disse que queria dançar com ele e estou até hoje e nem penso em trocar. Ele me respeita e cuida de mim. (Participante 6)

Com a permanência dos contratos exclusivos, as contratantes e os contratados estabelecem uma relação não só econômica, mas também afetiva, laços de amizade, confiança, valorização e reconhecimento de todos, inclusive da família da idosa. Para obter o êxito no contrato e se constituir uma relação duradoura Siqueira (2009) lista regras e códigos para ação dos participantes do contrato.

As mulheres contratantes devem pagar um preço justo, entrada no baile, couvert artístico e as despesas com alimentação e bebidas consumidas no baile. Os dançarinos contratados devem ter cuidado com a aparência, apresentar-se bem vestidos e perfumados, devem conduzir bem as parceiras, mostrar animação e domínio na dança, serem pontuais, simpáticos, cordiais, não ingerir bebidas alcoólicas, não dançar com outra mulher e não comentar sobre o contrato. O descumprimento de alguma regra pode ocasionar a quebra do contrato e a ruptura da relação estabelecida.

Alves (2004) faz uma comparação do uso do dinheiro nos bailes com as mediações do dinheiro nas relações sexuais. Uma das acusações que pairam sobre os dançarinos pagos é a da prostituição, ou seja, são homens que estão negociando o próprio corpo, estão sendo pagos para proporcionar prazer e para se comportarem como cavalheiros, apesar de pagos, eles têm que agir com naturalidade. Elas pagam também a forma deles se comportarem e muitas vezes de se vestir também. Segundo Gaspar (1985), isso também ocorre com prostitutas que usam o corpo para o prazer, e é exigido que elas finjam espontaneidade nas performances. Esse trabalho é socialmente desvalorizado e marginalizando quem vive dele. Porém, o trabalho dos dançarinos não é tão desvalorizado pela sociedade em comparação aos das prostitutas, pois, apesar de ser uma atividade que lida com a sedução, não implica intercurso sexual, o que preserva o corpo dos dançarinos.

Em sua pesquisa sobre experiências femininas em bailes de dança de salão, Siqueira (2009) fala sobre os afetos, a sexualidade entre os participantes do mundo da dança, a prostituição masculina e os relacionamentos afetivos a partir dos contratos de dança. Ela obteve relatos das mulheres sobre o desejo, a vontade, a liberdade e a individualidade, mas sempre a respeito de outras pessoas e não das que estavam sendo entrevistadas. Por outro lado, o profissionalismo e o preconceito contribuem para regular os contratos. Mais uma vez, a participação nos bailes e a realização da contratação são legitimadas, através do discurso terapêutico. De acordo com Motta (1998), as mulheres ainda passam por códigos que trazem marcas de outros tempos:

“A norma atribui uma imagem positiva e séria não às velhas namoradeiras e sim às `vovozinhas`, do tipo Dona Benta do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Essa norma prevê para as mulheres na velhice uma vida dedicada à esfera privada e estritamente familiar com atividades voltadas à órbita doméstica ou, quando muito, religiosa ou filantrópica. Trabalho e lazer estão ligados ou confundidos.” (Motta, 1998, p.25)

As mulheres burlam essa norma ao escolherem uma prática de lazer que remete à sexualidade, ao culto ao corpo, à autonomia e à independência financeira e ao poder. Para diminuir os efeitos dos preconceitos, os participantes do contrato realizam uma construção simbólica e sigilosa, a fim de mascarar as relações

econômicas, como também as possíveis relações afetivas, amorosas, sexuais, de dominação e exploração (Certeau, 1994; Alves, 2004; Siqueira 2009).

Em Fortaleza, apesar do surgimento de boatos sobre intenções sexuais por detrás dos bailes, em que os dançarinos seriam pagos não só pela dança, mas também por serviços sexuais, nenhuma das interlocutoras relataram conhecimento sobre o pagamento por serviços mais íntimos. Os contratados eram somente pagos para acompanhá-las e para dançar. Percebi, contudo, nesses relatos, certo controle para que fosse evitado algum deslize, ou seja, relato de algum envolvimento a mais, seja amoroso, seja sexual.

Destaco algumas frases onde as mulheres insistem em frisar que o objetivo dos contratos é exclusivamente para a prática da dança, diversão e lazer, evitando qualquer associação com encontro sexual.

Uns pensam que eu vou pro baile pra me mostrar, mas são ignorante, tudo burro, porque me faz muito bem e pra saúde também. (Participante 4)

Tem gente que critica quem participa, “essa vea era pra ficar quieta”, mas não sabe eles é faz bem pra saúde. (Participante 5)

[...] Eu gostava muito de dormir, mas agora sou obrigada a fazer uma atividade, a acordar cedo. Comecei a frequentar as danças por indicação médica, porque eu precisava fazer uma atividade. (Participante 4)

Segundo Alves (2004), esse boatos sobre o envolvimento sexual advêm dos donos de academia e de pessoas que não participam dos bailes, ou seja, todos contrários aos bailes, aos contratos realizados e aos comportamentos das mulheres. Porém, diversos sentimentos e sensações permeiam a dança a dois nos bailes. Toque das mãos, corpos colados, troca de olhares, danças mais performáticas e sorrisos correspondidos formam um ambiente envolvente e sedutor. Apesar de nenhuma interlocutora comentar sobre alguma relação íntima existente entre as

idosas e os dançarinos, é possível que esse ambiente afete as interações entre as mulheres e os homens contratados.

Considerações Finais

Nos últimos anos, estudos sobre envelhecimento ganharam destaque devido ao aumento da expectativa de vida da população brasileira, como também devido às mudanças de posicionamento e evoluções sociais pelas quais esses sujeitos passaram nos últimos anos. Processos socioculturais do envelhecimento podem ser pensados com mais veemência devido às transformações políticas e culturais acionadas nos dias atuais. Essas pesquisas favorecem a necessidade de quebrar preconceitos, rever estereótipos, abandonar pressupostos, desconstruir, reinventar a velhice e transformar as representações e práticas relativas à velhice e ao envelhecimento.

A pesquisa buscou apresentar uma reflexão e uma aproximação sobre envelhecimento, gênero e sexualidade a partir da experiência de mulheres que frequentam espaços de sociabilidade dançante.

Através dos resultados, percebemos que o envelhecimento vai depender da sociedade, da cultura que o idoso vivência, da história de vida pessoal e da classe social. Identificamos uma dicotomia em relação à percepção sobre o envelhecimento, a diferença entre aceitação e negação, ou seja, elas apresentam sinais de satisfação e otimismo com a velhice, porém, ao mesmo tempo, negam ter chegado a esta fase da vida.

A participação das idosas em grupos de sociabilidades cria a possibilidade de que experiências de autonomia, liberdade e criatividade sejam vividas coletivamente. Elas inovam através da participação nos bailes dançantes e na contratação dos parceiros de aluguel.

As mulheres ocupam os bailes de dança usando uma série de discursos sobre o envelhecimento, saúde e benefícios da prática da dança para legitimar a presença delas e o contrato realizado com os dançarinos, em que os benefícios que a dança proporciona para a saúde física e mental estão além do lazer e divertimento.

No salão, encontram-se mulheres com salto alto, saia rodada e acessórios ocupando esse espaço de sociabilidades com liberdade e autonomia, sem medo,

sem olhares regulatórios da sociedade, local onde os corpos são valorizados e estimulados, com possibilidade de vivenciar o prazer, a felicidade, a oportunidade de desfrutar novas emoções, exaltar sua sexualidade, poder se divertir, ser feliz e manter-se bela mesmo tendo perdido a juventude.

Essas mulheres estão exercendo protagonismo nos bailes de dança, onde elas escolhem com quem dançar, onde dançar e que música dançar. Elas financiam toda a relação homem e mulher, dama e cavalheiro, porém de forma muito sutil e discreta para que o encanto não desapareça.

Os resultados produzidos a partir das aproximações etnográficas e do relato da vivência dessas mulheres apresentam evidências da articulação entre gênero e sexualidade. Uma série de discursos surgem em relação a esses temas, como envelhecimento, corpo, saúde, relação intergeracional, elementos importantes na produção dos modos de vida e nas experiências sociais, políticas e culturais de mulheres idosas.

Esta pesquisa possibilitou novas discussões e problematizações sobre a temática do envelhecimento e interseccionalidades com gênero e sexualidade nos espaços de sociabilidades dançantes, permitindo, assim, a ampliação dos modos de compreender a produção de sujeitos vivendo a experiência cultural e social do envelhecimento.

Discussões sobre a sexualidade e envelhecimento são de extrema importância para a construção da velhice e de como envelhecer saudável, modificando aspectos culturais nas formas de pensar e construir experiências e representações que perpassam essa fase da vida.

Referências

Alves, A. M. (2004). *A dama e cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Alves, A. M. (2006). *Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas*. In: Barros, M. M. L. (Org.). (2006). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Alvarenga, L. F.C. (2008). *Flores de plástico não morrem...: corpo, saúde, gênero e envelhecimento*. Florianópolis: Fazendo gênero, v.8.

Attias-Donfut, C. (2004). *Sexo e envelhecimento*. In: Peixoto, C. E.(org) (2004). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV.

Ávila, A. H. & Guerra, M. (2007). *Se o velho é o outro, quem sou eu? A construção da auto-imagem na velhice*. Pensamentos Psicológicos, vol.3, n.8.

Barros, M. M. L. (2009). *Velhice ou terceira idade?*. 4th ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas.

Beauvoir, S. D.(1980). *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2nd ed. São Paulo: Difusão Européia Do Livro.

Beauvoir, S. D. (1990). *A velhice*. 3rd ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Butler (2002). Como os corpos se tornam matéria. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: v.10, n.1.

Butler, J. (2010). *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: Louro, G.L. (Org.) *o Corpo Educado: pedagogias e sexualidades*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica.

Camarano, A. A. (2004). *Os novos idosos brasileiros, muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA.

Camarano, A. A. (2006). *Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica*. in: freitas, e. v. (2006). tratado de geriatria e gerontologia. 2nd ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Costa, M. V. (2007). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. 2nd ed. Rio de Janeiro: Lamparina.

Debert, G. G. (1994). *Gênero e envelhecimento*. São Paulo: Estudos Feministas.

Debert, G. G. (1996). *Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice*. São Paulo. Antropologia e velhice.

Debert, G. G. (1999). *Velhice e o curso da vida pós-moderno*. São Paulo: Revista USP.

Debert, G. G. (2012). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edmusp.

Debert, G. G. (2007). *Políticas Públicas, Violência e Família*. In C. S. Wolff et. al. (orgs.) *Leituras em Rede, gênero e preconceito*. Florianópolis: Editora Mulheres.

Fearherstone, M. (2000). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Nobel.

Fernandes, M.G. (2009). *Problematizando o corpo e a sexualidade de mulheres idosas: o olhar de gênero e geração*. Revista de Enfermagem. Rio de Janeiro: UERJ.

Fernandes, M. G. M. & Garcia, L. G. (2010). *O sentido da velhice para homens e mulheres*. Saúde Soc. São Paulo, v.19, n4.

Figueiredo, M. L. F. et al (2007). *As diferenças de gênero na velhice*. Revista Brasileira de Enfermagem: Brasília, n.60, v.4.

Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir*. Nascimento da prisão. Rio: Vozes.

Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Foucault, M. (1992). *Microfísica do poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (1995). *O sujeito e o poder*. In: Rabinow, P., & Dreyfuss, H. Michel

Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault M. (1997). *A História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo, Perspectiva.

Foucault, M. (2002). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.

Foucault. M. (2004). *A Arqueologia do Saber*. 7ªed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Freitas, F. S. (2000). *O baile: estudo antropológico dos bailes de terceira idade em Curitiba*. Dissertação de mestrado não publicada, PPGAS/UFPR.

Fux, Maria (1983). *Dança, experiência de vida*. São Paulo: Summus editorial.

Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro:LCT editora S.A.

Goldenberg, M. (2009). *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record.

Goldenberg, M. (2010). *O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. 2nd ed. São Paulo: Estação Das Letras E Cores.

Goldenberg, M. (2011). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Goldenberg, M. (2013). *A bela velhice*. Rio de Janeiro: Record.

Haguette, T. M. F. (1990). *Metodologias qualitativas na sociologia*. 2nd ed. Petrópolis: Editora Vozes.

Hall, S. (1999). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Hall, S. (1997). *A centralidade da cultura: a dimensão global*. Porto Alegre: Educação & realidade, v.22, n.2.

IBGE (instituto brasileiro de geografia e estatística).(2014). [online] Retrieved from: <http://www.ibge.gov.br> [Accessed: 2 dez 2014].

Irigaray, T. Q & Schneider, R. H. (2008). *O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais*. Estudos de Psicologia: Campinas, v.25, n.4.

Keith, J. (1990). *Age in social and cultural context anthropological perspective* In: Debert, G. G. (1994). *Gênero e envelhecimento*. São Paulo: Estudos Feministas.

Laslett, P. *What is old age? Variation over time and between cultures*. In: Camarano, A. A. (2004). *Os novos idosos brasileiros, muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA.

Louro, G. L. (2000). *Corpo, escola e identidade*. Educação & realidade. v.25, n.2.

Louro, G. L. (2008). *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Pro-Posições, v.19, n.2.

Louro, G. L., Felipe, J. & Goellner, S. V. (2010). *Corpo, gênero e sexualidade*. 6th ed. Petrópolis: Editora Vozes.

Louro, G. L. (2011). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. São Paulo: Editora Vozes.

Mendonça, R. T. col. (2008) *Medicalização de mulheres idosas e interação com consumo de calmantes*. Saúde e Sociedade: São Paulo, v.17, n.2.

Mercadante, E. F. (2005). *Velhice: uma questão complexa*. In B. Corte, E. F. Mercadante & I. A. Arcuri (Orgs.). *Velhice, Envelhecimento e complex(idade)*. São Paulo: Vetor

Meyer, D. E. (2003). *Gênero e educação: teoria e política*. In: Louro, G. L.; Neckel, J. F.; Goellner, S. V. (org). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes.

Meyer, D. E; Paraíso, M. A. (2012). *Abordagens Pós-Estruturalistas de Pesquisa na Interface Educação, Saúde e Gênero: perspectiva metodológica*. In. D. E. Meyer;M. A. Paraíso(Orgs.), *Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação*. Belo Horizonte: Edições Mazza.

Minayo, M. C. D. S. (2011). *Envelhecimento demográfico e lugar do idoso no ciclo da vida brasileira*. Nós E O Outro: Envelhecimento, Reflexões, Práticas E Pesquisa, Vol 13.

Minayo, M. C. D. S. (1994). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 6th ed. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.

Minayo, M. C. D. S. & Coimbra, C. E. A. (2002). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Motta, A. B. *Visão antropológica do envelhecimento*. In: Freitas, E. V. et al (org). *Tratado de geriatria e gerontologia*. (2006). 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara.

Motta, A. B. (2012). *A juvenilização atual das idades*. Rio de Janeiro: Revista Espaço Feminino.

Motta, A. B. (1998). *Chegando a idade*. In: Barros, L. M. (org). *Velhice ou Terceira idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Moura, I., Leite, M. T. & Hildebrant, L. M. (2008). *Idosos e sua percepção acerca da sexualidade na velhice*. Passo Fundo: RBCEH.

Nascimento, F. D. S. (2011). *De volta aos embalos de sábado a noite: a dança de salão na terceira idade*. Universidade Federal do Ceará: Tese de doutorado em sociologia.

Neri, A. L. (1991). *Envelhecer num país de jovens. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Tese de livre docência. Campinas: Editora Unicamp.

Neri, A. L. (2006). *Atitudes em relação à velhice: Questões científicas e políticas*. In: Freitas, E. V. et al. (2006) *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Neri, A. L. (2008). *Palavras chave em gerontologia*. Campinas: Alínea.

Nicholson, L. (2000). *Interpretando gênero*. Estudos feministas, v.8, n.2.

Oliveira, M. M. (2012). *Como fazer pesquisa qualitativa*. 4ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. Capítulo 1.

OMS. (1984) Aplicaciones de la epidemiologia al estudio de los ancianos. Informe de un Grupo Científico de la OMS sobre la epidemiología del envejecimiento. Ginebra.

Pacheco, L. T. (2009). *Nobert Elias e Michael Foucault: diálogos sobre poder e sexualidade*. Caderno espaço feminino, v.21, n.1.

Pascual, C. P. (2002). *A sexualidade do idoso vista com novo olhar*. São Paulo: Edições Loyola.

Peixoto, C. E. (2004). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Pocahy, F. A. (2011). *A idade um dispositivo. A geração como performativo. Provocações discursivo-desconstucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade*. Revista Polis e Psique, Porto Alegre, v. 1.

Pontes, A. M. F. (2005). *A cidade dos clubes: modernidade e glamour na fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.

Prado, B. et al. (2011). *Os conceitos de saber, poder e discurso ideológico analisados segundo a teoria de Michael Foucault*. Revista Anagrama, vol.4, n.3.

Reis, L. M. A. (2011). *Novos velhos*. Rio de Janeiro: Record.

Rowe, J.W. & Kahn, R.L. (1997). *Human aging: usual and successful*. Science.

Santin, S. (2010). *Envelhecimento humano, ciência, cultura e ética*. Congresso internacional de envelhecimento humano: da complexidade ao desafio da interdisciplinaridade. Universidade de Passo Fundo.

Santos, M. C. dos. (2004). *Corpo e mundo: uma construção dialética*. In: CASTRO, O. P. Envelhecer – revisitando o corpo. Sapucaia do Sul: Notadez.

Santos, S. S. (2006). *Sexualidade e amor na velhice*. Porto Alegre, Sulina.

Scott, J. (1990). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Vol. 16(2).

Silva, L. R. F. (2008) *Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento*. História, Ciências e Saúde. Rio de Janeiro, v.15, n.1.

Silva, T. T. (2007). *A produção social da identidade e da diferença*. In: Silva, T. T.; Hall, S.; Woodward, K. Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes.

Silveira, F. A. (2008). *Michel Foucault e a construção discursiva do corpo do sujeito moderno e sua relação com a psicologia*. Psicologia em estudo, Vol. 13, n.4.

Siqueira, M. D. (2009). *“Quem convida é a mulher”: experiências femininas e subversão nos bailes de dança de salão*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Mestrado em Sociologia.

Souza, N.; Pontes, P. & Rocha, S. (1994). *As representações do envelhecimento*. Salvador, Departamento de Sociologia, UFBA.

Veras, R.P (1997). *Terceira idade: desafios para terceiro milênio*. Rio de Janeiro.

Villela, W. V. & Oliveira, E. M. (2011). *O envelhecimento na perspectiva feminista: Simone de Beauvoir, Germaine Greer e o Coletivo de Boston*. Nós E O Outro: Envelhecimento, Reflexões , Práticas E Pesquisa, Vol 13.

Zimmerman, G. I. (2000). *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed.

APÊNDICE A
GUIA DE ENTREVISTA

Dados sociodemográficos:

1) Idade: _____ anos.

2) Estado civil: () casado(a) () solteiro (a) () divorciado (a) () viúvo (a) () separado(a) () outro

Qual? _____

3) Nível educacional:

() analfabeto () 1º grau completo. () 2º grau completo. () Curso superior completo.

() Pós graduação.

4) Você já trabalhou ou trabalha? O que fazia ou faz?

5) Qual a sua principal fonte de renda?

() Trabalho () Aposentadoria () Pensão () Outra?

Qual? _____

Questionário: Perguntas Norteadoras:

1. O que é envelhecer pra você?
2. Como começou a frequentar os bailes de dança?
3. Como é a preparação para os bailes?
4. O que o baile significa para você?
5. Como você acha que as outras pessoas veem o baile?
6. O que você pensa que os outros pensam de você?
7. Qual a sua percepção em relação a atual fase da vida?
8. O que você acha que a sociedade espera dos idosos?
9. Para você existe diferença de velhice para o homem e para a mulher?
10. Qual a sua relação com os dançarinos de contrato?
11. Comente algo sobre o que você acha dos rapazes e das outras senhoras que usam os serviços.
12. Algum comentário

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: **PROBLEMATIZANDO ARTICULAÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO: Um estudo com mulheres frequentadoras de bailes na cidade de Fortaleza**

Pesquisador Responsável: Karoline Sampaio Nunes Barroso

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade de Fortaleza

Telefones para contato: (85) 88222408

A Sra está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa intitulado “Mulheres que bailam: Problematizações sobre gênero, sexualidade e envelhecimento”, de responsabilidade da pesquisadora Karoline Sampaio Nunes Barroso.

1. PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa que irá investigar sobre gênero, sexualidade e envelhecimento. Os participantes da pesquisa serão escolhidos aleatoriamente, contanto que se encaixem nos critérios de inclusão necessários: mulheres, heterossexual, com idade igual ou superior a sessenta anos, participantes dos bailes de sociabilidades por contrato ou de ficha. Será realizada uma entrevista com dados sociodemográficos e perguntas norteadoras sobre envelhecimento, bailes de sociabilidade e sexualidade.

A entrevista será gravada, transcrita e algumas frases serão escolhidas para serem analisadas. Todos os dados serão confidenciais, garantindo seu direito de privacidade. Será usado um nome fictício para divulgação das informações prestadas, impossibilitando assim a sua identificação.

Sua participação não é obrigatória, será voluntária, e a qualquer momento terá liberdade para desistir de participar e retirar seu consentimento em qualquer momento, mesmo após ter iniciado a entrevista. Sua recusa não trará nenhum prejuízo com a pesquisadora ou com a instituição.

2.RISCOS E DESCONFORTOS

O risco ou desconforto que você poderá passar é o de compartilhar informações pessoais ou confidenciais. Você tem o direito de não responder a qualquer pergunta ou parte de informações obtidas na entrevista, se sentir que ela é muito pessoal ou sentir desconforto em falar. Você não terá nenhum gasto financeiro e terá livre acesso a todas as informações coletadas no decorrer do estudo.

3.BENEFÍCIOS:

O benefício esperados da pesquisa é o de ajudar no maior conhecimento sobre a discussão entre gênero, sexualidade e envelhecimento. Todas as informações colhidas só serão utilizadas em função da ciência, do crescimento profissional e do bem estar do mesmo, de forma a não trazer nenhum prejuízo para a sua vida.

Você receberá uma cópia desse termo onde possuem meios de contatar com a pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas a qualquer momento.

4.CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações que a Sra nos fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa. Seus relatos ficarão em segredo e o seu nome não aparecerá em lugar nenhum dos QUESTIONÁRIOS e gravações e nem quando os resultados forem apresentados.

5.ESCLARECIMENTOS: Se tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar a qualquer momento o pesquisador responsável.

Nome do pesquisador responsável: Karoline Sampaio N. Barroso
Endereço: Rua Antonio Augusto 1404
Telefone para contato:85-88222408
Horário de atendimento:8h as 17h

Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza, Ce.

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – COÉTICA
Universidade de Fortaleza.
Av. Washington Soares, 1321, Bloco da Reitoria, Sala da Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 1º andar.
Bairro Edson Queiroz, CEP 60811-341.
Telefone (85) 3477-3122, Fortaleza, Ce.

6. RESSARCIMENTO DAS DESPESAS: Caso a Sra aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira.

7. CONCORDÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO: Se a Sra estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

O **sujeito de pesquisa** ou seu representante legal, quando for o caso, deverá

rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

O **pesquisador responsável** deverá, da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, declaro que, após leitura minuciosa do TCLE, tive oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais serei submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firmo meu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Fortaleza-Ce., _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Ou Representante legal

Impressão dactiloscópica



Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE C

CARTA DE ACEITE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE DE
FORTALEZA (UNIFOR)/
FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Mulheres que bailam: Problematizações sobre gênero, sexualidade e envelhecimento

Pesquisador: KAROLINE SAMPAIO NUNES BARROSO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 24520514.5.0000.5052

Instituição Proponente: Fundação Edson Queiroz

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 745.618

Data da Relatoria: 08/08/2014

Apresentação do Projeto:

A velhice ainda é uma fase marcada por preconceitos e estereótipos. Difusas representações e práticas sociais tutelam os sujeitos idosos, marcando-os como sujeitos incapazes, assexuados, frágeis e decadentes. Outro elemento importante nesta contextualização refere-se ao crescente aumento da expectativa de vida da população brasileira, juntamente com as diversas tecnologias estéticas, cuidados em saúde e tecnologias voltadas ao desempenho sexual e em busca da juventude eterna. Nos últimos anos, estudos sobre envelhecimento e abordagem holística favoreceram a necessidade de quebrar preconceitos, rever estereótipos, abandonar pressupostos, desconstruir, reinventar a velhice e transformar as representações e práticas relativas à velhice e envelhecimento. Mulheres estão reinventando o modo de vivenciar essa fase da vida, através de programas de sociabilidades que buscam a auto-expressão e a exploração da identidade, antes exclusivo da juventude, abrindo novos espaços, para que experiências inovadoras possam ser vividas, como nos bailes de dança. A pesquisa busca apresentar uma reflexão e uma aproximação sobre envelhecimento e sexualidade a partir da experiência de mulheres que frequentam espaços de sociabilidade dançante.

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRRPG - Edson Queiroz CEP: 60.811-926
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 Fax: (85)3477-3056 E-mail: coetica@unifor.br

UNIVERSIDADE DE
FORTALEZA (UNIFOR)/
FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ



Continuação do Parecer: 745.658

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a problemática de gênero, sexualidade e envelhecimento em mulheres frequentadoras dos bailes de contrato e ficha.

Objetivo Secundário:

Conhecer as representações do envelhecimento humano que cercam esta sociabilidade;

Compreender como as experiências vividas pelos indivíduos desse grupo influenciam nas suas representações de velhice;

Identificar fatores que redefinem as formas de viver a velhice; Investigar a vivência da sexualidade nas mulheres idosas;

Analisar as relações intergeracional estabelecidas entre mulheres idosas e dançarinos contratados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O risco ou desconforto que o participante poderá passar é o de compartilhar informações pessoais ou confidenciais, porém ele tem o direito de não responder a qualquer pergunta ou parte de informações obtidas na entrevista, se sentir que esta é muito pessoal ou sentir desconforto em falar. O entrevistado não terá nenhum gasto financeiro e terá livre acesso a todas as informações coletadas no decorrer do estudo.

Benefícios:

O benefício esperados da pesquisa é o de ajudar no maior conhecimento sobre a discussão entre gênero, sexualidade e envelhecimento. Todas as informações colhidas só serão utilizadas em função da ciência, do crescimento profissional e do bem estar do mesmo, de forma a não trazer nenhum prejuízo para a vida dos participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto apresenta-se de forma coerente entre os objetivos, metodologia bem como a sua relevância para a academia e a sua contribuição social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_245206.pdf

PB_XML_INTERFACE_REBEC.xml

Projeto.docx

Endereço: Av. Washington Soares 1321/Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRRPG - Edson Queiroz CEP: 65.811-905
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 Fax: (85)3477-3056 E-mail: cosica@unifor.br

UNIVERSIDADE DE
FORTALEZA (UNIFOR)/
FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ



Continuação do Parecer: 745.618

TCLE.docx

PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_559369.pdf

PB_PARECER_COLEGIADO_558888.pdf

PB_PARECER_RELATOR_547910.pdf

Formulario Plataforma Brasil Karoline Sampaio Nunes Barroso.pdf

Recomendações:

Vide item Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sugere-se a Aprovação do projeto de pesquisa visto atender, na íntegra, as determinações da Res.466/12 CNS/MS e diretrizes.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Sugere-se a Aprovação do projeto de pesquisa visto atender, na íntegra, as determinações da Res.466/12 CNS/MS e diretrizes.

FORTALEZA, 11 de Agosto de 2014

Assinado por:
Marília Joffily Pereira da Costa Parahyba
(Coordenador)

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco de Reitoria
Bairro: sala da VIG/PG - Edson Queiroz CEP: 60.811-905
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 Fax: (85)3477-3056 E-mail: coelica@unifor.br